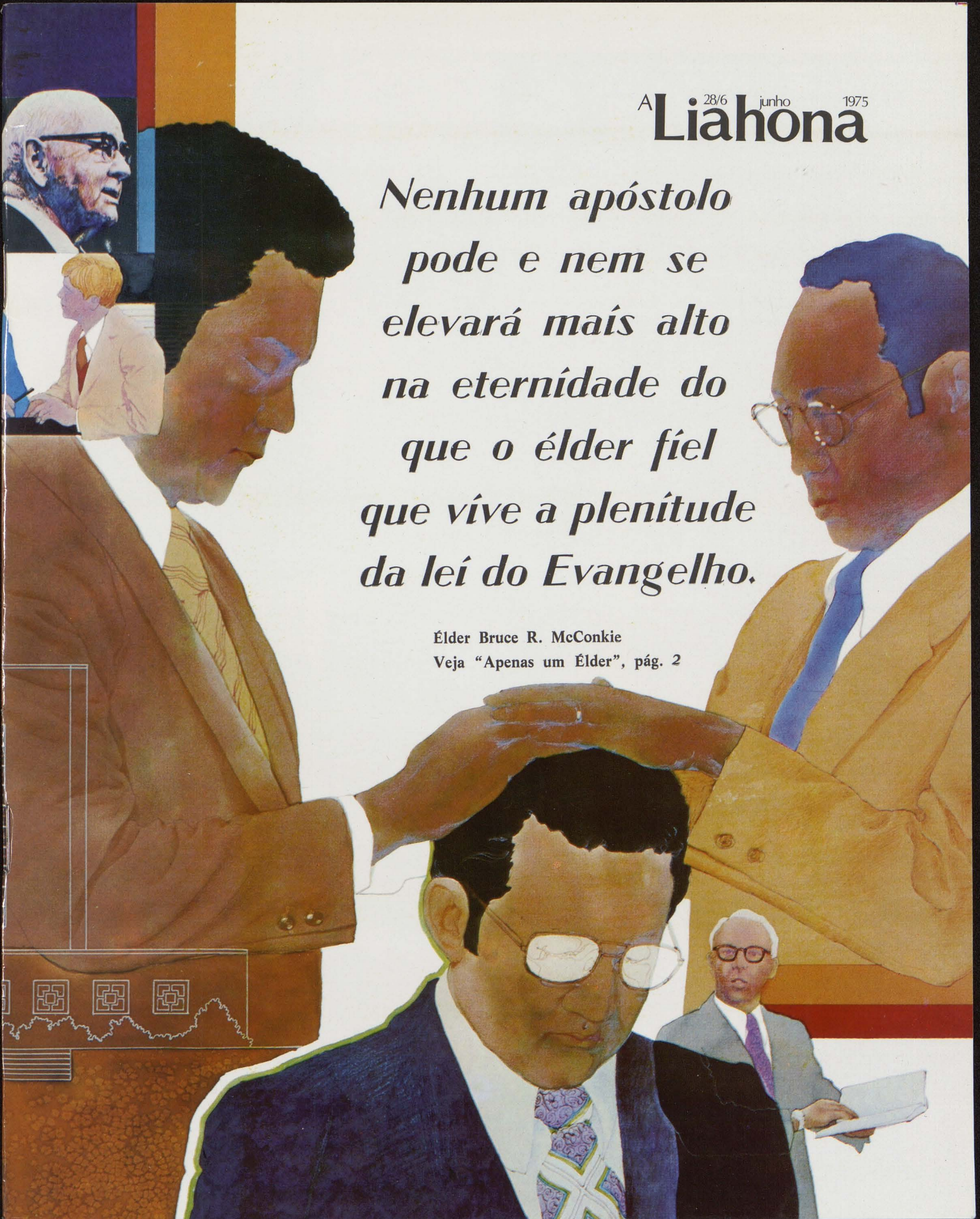


*Nenhum apóstolo
pode e nem se
elevantá mais alto
na eternidade do
que o élder fiel
que vive a plenitude
da lei do Evangelho.*

Élder Bruce R. McConkie
Veja "Apenas um Élder", pág. 2



- 3 APENAS UM ÉLDER, Élder Bruce R. McConkie
10 QUEM ESTÁ PERDENDO?, Élder Marvin J. Ashton
13 UM MISSIONÁRIO PARA O SEU PRÓPRIO POVO
15 "LES DERNIERS JOURS", John A. Green
19 O PODER DO SACERDÓCIO EM MINHA VIDA,
Howard E. Willis
21 JUANITO ENCONTRA UM MEIO, Carol S. Lemon
24 UM CONTO DA VELHA CHINA
26 O BATISMO NA NOITE, Kathie Troxier
28 QUADRO ENIGMÁTICO, Judy Capener
29 A CAVERNA, Carla Worlund
30 BONS HÁBITOS APERFEIÇOAM O CARÁTER,
Élder Delbert L. Stapley
33 "QUANDO TE CONVERTERES, CONFIRMA TEUS
IRMÃOS", Élder L. Tom Perry
37 MINHA GALERIA DA FAMA, Élder Thomas S. Monson
41 A MAIS VITAL DAS INFORMAÇÕES, Élder Robert L. Simpson
44 PODER SOBRE SATANÁS, Élder ElRay L. Christensen
49 AS CONFERÊNCIAS GERAIS DE ÁREA DA
AMÉRICA DO SUL

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Bown
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
Aldo Francesconi, Editor Nacional
Francisco J. P. Souza,
Bruno Reback, Fotógrafos

REGISTRO

Está assentado no cadastro da
DIVISÃO DE CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F.,
sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo
com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "International Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolição, 201. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribeuí n.º 331, Telefone 276-4893, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.



APENAS UM ÉLDER



GM
1720551
L694P
1975
Élder Bruce R. McConkie,
do Conselho dos Doze

Discurso proferido no seminário de Representantes Regionais, a 3 de outubro de 1974

Irmãos, o que pensam vocês do ofício de élder? Alguém pergunta: “Que ofício possui você na Igreja? Qual é a sua posição no Sacerdócio?” E vem a resposta: “Bem, sou apenas um élder.”

Apenas um élder! Apenas o título pelo qual os membros do Conselho dos Doze se orgulham de ser chamados; somente o título que honra o presidente da Igreja, que é designado por revelação como o primeiro élder (ver D&C 20:2, 5); apenas o ofício ao qual são ordenadas milhões de pessoas, nas ordenanças vicárias dos santos templos.

Apenas um élder! Apenas o ofício que habilita o homem a entrar no novo e eterno convênio do casamento (D&C 131:2) e ter esposa e filhos ligados a si por um liame eterno; somente o ofício que prepara o homem para ser um patriarca natural de sua posteridade e para ter domínio na casa de Israel para sempre; nada mais que o ofício exigido para a obtenção da plenitude das bênçãos da casa do Senhor; apenas o ofício que abre a porta para a exaltação eterna no mais alto céu do mundo celestial, onde o homem se torna como Deus é.

Apenas um élder! Apenas uma pessoa ordenada para pregar o Evangelho, edificar o reino e aperfeiçoar os santos; somente um ministro cujas palavras são todas Escritura; apenas o portador daquele ofício que traz consigo o privilégio de receber os mistérios do reino do céu, de ter os céus abertos, de comungar com a assembléia geral e igreja do Primogênito, e de desfrutar da comunhão e da presença de Deus, o Pai, e Jesus, o mediador do novo convênio. (Ver D&C 107:19.)

Apenas um élder! Todo élder da Igreja possui tanto Sacerdócio quanto o presidente da Igreja. Nenhum apóstolo poderá e nem se elevará mais alto na eternidade, do que o élder fiel que vive a plenitude da lei do Evangelho.

Que é um élder? O élder é um ministro do Senhor Jesus Cristo. Possui o santo Sacerdócio de Melquisedeque. É comissionado a ocupar o lugar de seu Mestre — que é o Élder Principal — na ministração aos seus semelhantes. É o agente do Senhor. Sua designação é pregar o Evangelho e aperfeiçoar os santos.

Que é um élder? É um pastor, que serve no aprisco do Bom Pastor. Está escrito: “Vós pois, ó ovelhas minhas, ovelhas do meu pasto: homens sois, mas eu sou o vosso Deus, diz o Senhor Jeová.” (Eze 34:31.) Está escrito também, e isto por Pedro, o primeiro élder de seus dias: **“Aos presbíteros (élderes), que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero (élder) : Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele,** não por força, mas voluntariamente: nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, **mas servindo de exemplo ao rebanho.** E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória.” (I Ped 5:1-4.) Saibam disto: os élderes, que são **ministros estacionários** (D&C 124:137) no reino do Senhor, são designados a **apascentar o rebanho de Deus, a cuidar dele, e a serem exemplo para o rebanho.**

Que é um élder? “E agora vinde, diz o Senhor, pelo Espírito, aos élderes da sua Igreja, e juntos arrazoemos. . . . Portanto, eu, o Senhor, vos pergunto — **para que fostes ordenados? Para pregar o meu Evangelho pelo Espírito, o Consolador, o qual foi enviado para en-**

sinar a verdade.” (D&C 50:10, 13-14.) O élder é o representante do Senhor, enviado para ensinar o Evangelho para a salvação dos homens.

Quem pode medir o valor, o infinito valor de uma alma, uma alma pela qual Cristo morreu? Entretanto, não é a alma de um élder de maior valor ainda, pois o élder é seu ministro, para levar muitas almas infinitamente preciosas ao reino de seu Pai? Todos os élderes apascentam o rebanho de Deus, cuidam dele, e servem de exemplo aos outros no aprisco? Ouçam a resposta profética: “Assim diz o Senhor Jeová: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? . . . **A fraca não fortaleceste, e a doente não curastes, e a quebrada não ligastes, e a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes.** . . . (Portanto) assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu estou contra os pastores, e demandarei as minhas ovelhas da sua mão.” (Ezequiel 34: 2, 4, 10.)

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o reino de Deus na terra. Ela não é uma democracia, nem uma república, nem uma oligarquia, nem uma ditadura, nem qualquer forma de governo; senão um reino. Ela opera de cima para baixo. O Senhor fala, e seus servos lhe obedecem. Os élderes partem, e o povo é ensinado.

Nossa grande necessidade, o encargo que nos cabe é: **Aperfeiçoar os élderes, para que possam apascentar o rebanho, para que as ovelhas não pereçam por falta da palavra de Deus.** A primeira necessidade dentro da Igreja, atualmente, é ativar os élderes, para que eles, por sua vez, possam “apascentar o rebanho de Deus.”

Quais são os recursos para ativar os élderes? Não há fórmula

secreta. Não podemos agitar uma varinha de condão e ativar pessoas indiferentes sem esforço e sem luta. Mas temos o programa completo da Igreja, e em algum lugar dentro dessa estrutura, existe algo que motivará cada pessoa disposta a permitir que sua vida receba as bênçãos do Evangelho. Quando abordamos este problema (e qualquer outro com que nos defrontemos), devemos fazê-lo com a compreensão clara de que a única saída, plenamente aprovada, será uma que opere dentro da estrutura da correlação do Sacerdócio.

Que é correlação do Sacerdócio? É o sistema administrativo da Igreja, pelo qual todos os seus programas são agrupados num único padrão, funcionando como um só programa e envolvendo todos os membros da Igreja. É um sistema que exige que operemos dentro da estrutura existente na Igreja. Já se foram os dias em que, quando a gente descobria algum problema, se formava um comitê ou alguma outra organização para resolvê-lo. Em vez disso, usamos a organização revelada do Sacerdócio, o que significa que usamos os mestres familiares na forma estabelecida na seção 20, e correlacionamos todas as operações do Sacerdócio e das auxiliares através do Comitê Executivo do Sacerdócio e do Conselho de Correlação da Ala. O Presidente Harold B. Lee definiu a correlação do Sacerdócio simplesmente como **colocar o Sacerdócio onde o Senhor o coloca e ajudar a família a funcionar da maneira como deveria.** (Ver “Correlation and Priesthood Genealogy” em Genealogical Devotional Addresses — 1968 [Provo, Utah: Imprensa da Universidade Brigham Young, 1969] pág. 55.)

Existem **três princípios básicos na correlação do Sacerdócio** que nos guiam na operação de todos os programas da Igreja, oriundos

da seguinte afirmativa básica: **A família** é a mais importante organização no tempo e na eternidade. **A Igreja** e todas as suas organizações, como agências de serviço, estão em posição de ajudar a família. **Os mestres familiares** representam o Senhor, o bispo, e o líder do Sacerdócio, tornando acessível ao pai, à família, e ao indivíduo, a ajuda da Igreja e de todas as suas organizações. Assim, os três princípios básicos da correlação do Sacerdócio, são:

1. **Todas as coisas centralizam-se na família e no indivíduo. Estes fazem tudo na Igreja.** São responsáveis pelo trabalho missionário, por sua própria obra genealógica e cuidam de seu bem-estar. Nós não chamamos missionários, nem criamos comitês para se encarregarem das responsabilidades básicas da família ou do indivíduo. Não é o líder dos sumos-sacerdotes o responsável pela genealogia do Sacerdócio na ala. Não são os missionários da estaca, nem os de tempo integral os responsáveis pelo tra-

balho missionário na ala ou na estaca. Em ambos os casos, é a família e o indivíduo que são auxiliados e ajudados por esses especialistas da Igreja.

2. **A Igreja e todas as suas organizações, estão em posição para ajudar a família e o indivíduo.** Os missionários, os comitês e os diversos especialistas em um ou outro campo de serviço, são chamados para ajudar a família. Aos pais — e não às organizações da Igreja — cabe a responsabilidade de criar seus próprios filhos em luz e verdade e de ensinar-lhes os princípios do Evangelho. Mas essas organizações são estabelecidas para ajudar os pais a fazerem a obra que o Senhor lhes atribuiu. Para sermos corretos, diríamos que não somos nós que ajudamos os missionários e, sim, eles que nos ajudam. É responsabilidade primordial nossa advertir nossos vizinhos, e os missionários da estaca e os de tempo integral são especialistas que são chamados, por exemplo, para ajudar no processo de ensino.

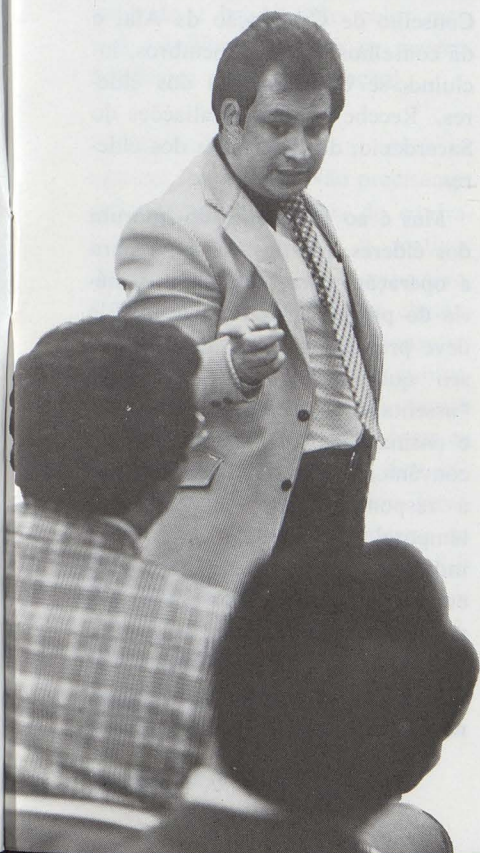
3. **Os mestres familiares representam o Senhor, o bispo e o líder do Sacerdócio, tornando acessível à família e ao indivíduo a ajuda da Igreja e de todas as suas organizações.** Sem qualquer dúvida, o maior defeito no sistema de ensino familiar da Igreja, é que ele continua praticamente sem uso. Em vez de **permitir** e esperar que os mestres familiares façam seu trabalho, nós freqüentemente criamos algum comitê adicional supérfluo, e depois ficamos admirados por que os mestres familiares perdem o interesse em seu serviço. Se temos necessidade de ativar élderes, não deveríamos estabelecer alguma organização especial. Em lugar disso, usemos os mestres familiares e as organizações existentes na Igreja.

A Igreja necessita de todos os élderes. Nenhum pode ser dispen-

sado. A Igreja precisa ser aperfeiçoada, e o Evangelho ensinado a toda criatura. Não existe forma de ensinar o Evangelho a 3 1/2 bilhões de pessoas sem mais missionários. Necessitamos de ajuda, e o lugar para começarmos é com nossos élderes inativos e élderes em perspectiva.

Quem é responsável pela reativação de um élder faltoso? Vamos colocar as coisas em ordem. A primeira e principal responsabilidade cabe ao próprio élder. Ele fez o convênio batismal de servir ao Senhor; prometeu magnificar seu chamado, quando recebeu o Sacerdócio de Melquisedeque. É a salvação dele que está em jogo. Ele tem uma obrigação pessoal de retornar ao Senhor e buscar suas bênçãos.

A segunda responsabilidade de reativar um élder pertence à sua família. **Salvação é um assunto familiar.** As maiores bênçãos do serviço na Igreja fluem para o indivíduo e sua família. A preservação





da unidade familiar é a principal delas.

Depois da responsabilidade do indivíduo e da família, vem a da Igreja. A Igreja possibilita a salvação. É a organização do Senhor através da qual todos os homens são convidados a fazer as coisas apropriadas para entrar na presença de Deus. Em quase todos os casos, o início do processo de reativação, pelo menos, parte da abordagem de alguém numa posição qualquer na Igreja — um élder, por exemplo, servindo como mestre familiar do inativo. Não é propósito nosso, nem é nossa função prescrever os detalhes da participação da Igreja nos processos reativadores. Há muitas abordagens, e o espírito de inspiração precisa

sempre amparar o trabalho, que deveria ser feito dentro da estrutura da correlação do Sacerdócio, e mediante o uso das organizações e dos programas existentes.

Na estaca, o presidente é responsável pela reativação dos élderes. Ele é o élder presidente na estaca e serve como líder do comitê do Sacerdócio de Melquisedeque. Um de seus conselheiros, ao qual ele pode delegar uma responsabilidade maior em levar avante o trabalho, é o vice-líder. O presidente da estaca tem à sua disposição a ajuda do comitê do Sacerdócio de Melquisedeque, além de todos os recursos da estaca. Pode usar um membro do sumo conselho para auxiliar e trabalhar com dois ou três quoruns de élderes. Mas especificamente e de maneira predominante, o presidente da estaca usa os bispos e os presidentes dos quoruns de élderes no processo de reativação.

Os membros do sumo-conselho são homens de caráter, bom senso, e maturidade espiritual — alguns dos mais hábeis e competentes líderes da estaca. Eles são os olhos, os ouvidos e a voz do presidente da estaca. Imaginem que cada sumo-conselheiro no comitê do Sacerdócio de Melquisedeque da estaca tem como principal designação o privilégio de orientar e ajudar a dois ou três quoruns de élderes. Tal homem tem o cuidado de não assumir a operação dos quoruns; mas baseado em seu extenso conhecimento e experiência da Igreja, imaginem só quão profundos e sábios conselhos poderá dar.

Que trabalho mais importante tem um presidente de estaca do que (1) **envolver-se no treinamento dos líderes dos quoruns**, (2) **reunir-se regularmente com os presidentes dos élderes, para dar-lhes instrução e designações**, (3) **realizar (ou fazer com que um de seus conselheiros realize) entrevistas**

personais regulares com os presidentes dos élderes.

Quoruns de élderes são organizados em cada ala. Todos os élderes da ala, seja qual for o seu número, são membros do quorum. Todos os élderes em perspectiva da ala reúnem-se com o quorum e recebem o mesmo treinamento e orientação dados aos élderes, preparando-se para o Sacerdócio de Melquisedeque e para se tornarem membros do quorum. Os presidentes dos quoruns de élderes têm a responsabilidade de assistir e fortalecer todos os élderes e élderes em perspectiva.

O bispo tem um papel vital, pessoal, e importante na reativação dos élderes. Ele preside a ala e é um “juiz comum em Israel.” Recebe dízimos e ofertas, verifica a dignidade quanto às recomendações para o templo. Recomenda irmãos para o avançamento ao Sacerdócio de Melquisedeque. Chama pessoas para posições de responsabilidade na ala. Como sumo-sacerdote presidente, preside o Comitê Executivo do Sacerdócio, e o Conselho de Correlação da Ala, e dá conselhos aos seus membros, incluindo-se o presidente dos élderes. Recebe também avaliações do Sacerdócio, do presidente dos élderes.

Mas é ao presidente do quorum dos élderes que nos voltamos para a operação ativa, detalhada e diária do programa de reativação. Ele deve presidir sobre os membros de seu quorum. É ele quem deve “assentar-se em conselho com eles e ensinar-lhes de acordo com os convênios.” (D&C 107:89.) É sua a responsabilidade do bem-estar temporal e espiritual deles. Ele é indicado a conduzi-los para a vida eterna no reino de nosso Pai, e a sua responsabilidade se estende a todos os élderes em perspectiva da ala. **Exceto o próprio bispo, quem na ala tem uma responsabilidade**



comparável à do presidente dos élderes?

Alguns presidentes de élderes parecem achar que a carga da reativação de seus irmãos é tão grande, que é praticamente perda de tempo enfrentar a tarefa. Uma das razões desse ponto de vista é o errôneo sentimento da parte dos presidentes dos élderes, de que precisariam aparecer com algum tipo de programa e imaginar algum sistema para a salvação de seus irmãos. Na realidade, os processos de reativação já existem. Estão disponíveis em todos os lugares, e são fáceis de executar. Dividam a carga sobre muitos ombros, e o fardo se torna fácil e o jugo suave.

Os processos de reativação consistem em (1) **usar os mestres familiares**, (2) **usar a Igreja e todos os seus programas**, e (3) **dirigir o próprio quorum da maneira certa**. A reativação mais eficiente é sempre em base de pessoa para pessoa, e de família para família. É um contato pessoal. Trata-se de fazer amizade e isto é feito pelos mestres familiares! **Usem os mestres familiares para a reativação!**

Não existe substituto para os mestres familiares. Não precisamos criar comitês especiais de confraternização para ajudar a reativar élderes ou élderes em perspectiva. Não precisamos lançar um chamado especial ou fazer designações especiais para o trabalho de confraternização. Em vez disso, usamos os mestres familiares para fazer as coisas que, por revelação, lhes são ordenadas fazer. O ensino familiar é um dos melhores recursos da Igreja. Os mestres familiares visitam os lares dos membros, cuidam deles, e fortalecem os santos, cuidam de que não haja iniquidade em suas vidas, e que todos cumpram seus deveres.

Imaginem um caso extremo, um em que o quadro seja negro, e em que o desencorajamento possa vir facilmente. Ainda assim, alguma coisa precisa ser feita, e o fardo poderá ser aliviado por intermédio do ensino familiar. Se cada élder ativo, em seu papel de mestre familiar, em base de pessoa para pessoa, ou de família para família, assumisse a responsabilidade por um outro élder e respectiva família somente; se cada élder ativo, conscienciosa e ativamente cumprisse seu dever, quantos meses se passariam antes que houvesse o dobro de élderes ativos que poderiam ser usados? Pode não ser fácil, mas não é insuperável, e pode ser feito.

Os mestres familiares possuem **status**. Suas visitas são oficiais. Foram enviados pelo presidente do quorum, pelo bispo, e pelo Senhor.

Devem visitar com freqüência o lar que lhes é designado. Vão lá para fazer as coisas relacionadas na seção 20 de Doutrina e Convênios. Os mestres familiares e suas famílias deveriam integrar as famílias inativas. Atividades sociais e recreativas ajudam. A abordagem através da reunião familiar é excelente. Em alguma outra noite, exceto segunda-feira, a família inativa pode ser convidada para uma reunião familiar em que se cuidará de desenvolver amizade entre as famílias, e ensinar o Evangelho. Os mestres familiares interligam seus contatos com o quorum e com as funções de ensino e atividade deste.

Cada membro do quorum, ativo ou inativo, deveria ser convidado a servir num comitê ou numa atividade do quorum, tão logo isso fosse possível. **O serviço é essencial à salvação.**



Um projeto para encorajar as famílias a receberem as bênçãos do templo é aprovado pela Presidência da Igreja. Seminários especiais podem ser realizados, sobre desempenho de designações missionárias e outras. Reuniões sociais freqüentes ajudam a integração. Cada membro do quorum deveria receber uma designação da Igreja. Os membros devem ser instruídos acerca da maneira de administrar aos doentes. E assim é que as coisas caminham: as atividades do quorum, com vistas à integração, não conhecem limites.

Como todos vocês sabem, o programa de reativação é resumido no seguinte: (1) identificar cada indivíduo; (2) chamar mestres familiares; (3) estabelecer relacionamento pessoal; (4) integrar por meio das famílias; (5) promover reuniões sociais do quorum; (6)

designar responsabilidades pessoais; (7) ensinar as verdades do Evangelho; (8) acompanhar o progresso conseguido; (9) realizar entrevistas pessoais.

Uma das maiores e mais importantes coisas que o próprio quorum pode fazer, é ensinar a todos os seus membros as doutrinas de salvação. **"A fé vem pelo ouvir"** disse Paulo, significando que a fé é gerada no coração dos homens, somente quando ouvem as verdades do Evangelho ensinadas por um administrador legal e pelo poder do Espírito Santo. (Ver Rom 10: 14-15, 17.)

O quorum de élderes deveria ser uma escola de profetas, um lugar onde cada élder, ou élder em perspectiva, aprende o que, juntamente com sua família, deve fazer para alcançar paz nesta vida e vida eterna no mundo vindouro.

Adotamos as próprias obras-padrão, sem modificação, mudança, ou diluição, como manuais de estudo do Sacerdócio. Todo élder ou élder em perspectiva deveria ler, ponderar, e orar acerca de tudo o que está contido nos escritos sagrados. Devemos aprender diretamente da própria fonte.

Publicamos, entretanto, um guia para os estudos, que contém auxílios didáticos e indica as passagens a serem lidas conforme os assuntos. Sob o novo sistema, fazemos duas coisas: (1) **lemos as obras-padrão designadas** palavra por palavra, do princípio ao fim; (2) **estudamos os assuntos** (tanto doutrinas quanto deveres), com referências tiradas de todas as obras-padrão. Sob nosso novo sistema de estudos para os quoruns, é essencial — ou melhor, é imperativo — que os membros do quorum tragam suas Escrituras consigo à aula. Esse é também o pedido ex-

presso e pessoal do Presidente Kimball. Um representante regional, o Irmão Dean Larsen, conta que em seu grupo de sumos-sacerdotes, o instrutor perguntou: "Quantos de vocês prepararam a lição e trouxeram suas obras-padrão hoje de manhã?" Verificando que ninguém o fizera, disse: "Muito bem, nesse caso não posso dar-lhes a lição, de maneira que não teremos aula hoje." Segundo se soube, a partir dali os membros começaram a levar suas Escrituras consigo. Uma curta lição, uma vez por semana, é apenas uma gota num oceano de estudos. Nosso novo guia de estudos destina-se a abrir a porta ao estudo individual das Escrituras, tanto quanto ajudar-nos a estudar juntos em família.

Uma das classes da Escola Dominical é especificamente destinada a ajudar nos processos de conversão e reativação: é a classe de Essências do Evangelho. Nela apresentamos doze aulas sobre assuntos básicos, em ciclos periódicos. Terminado esse curso, os adultos passam para a classe de Doutrina do Evangelho. Os mestres familiares tomam conhecimento das lições que estão sendo apresentadas aos seus contatos, e então consideram os mesmos assuntos em suas visitas regulares de ensino familiar. Os que devem freqüentar um ciclo de aulas da classe de Essências do Evangelho são os investigadores, membros recém-convertidos, élderes em perspectiva e élderes inativos.

Há um outro assunto, freqüentemente negligenciado, que desejamos recomendar e encorajar: é a norma da Igreja de ter um **coro em cada ala**. Seria muitíssimo adequado que todos os élderes e élderes em perspectiva com capacidade vocal cantassem nesses coros. Poderá haver também ocasiões especiais



em que um coro de élderes seja chamado a participar em reuniões da ala ou da estaca. Os presidentes de estaca poderão desejar que um coro do Sacerdócio apresente a música numa conferência trimestral, digamos, uma vez por ano. É importante, é lógico, fazer dos coros de ala a parte mais importante do programa musical da Igreja. Os hinos de Sião têm força para converter, e o Senhor diz que lhe é agradável quando os cantamos. "Pois a minha alma se deleita com o canto do coração", diz ele, "sim, o canto dos justos é uma prece a mim, e será respondida com uma bênção sobre suas cabeças." (D&C 25:12.)

A conversão sempre acompanha o trabalho missionário eficiente. Os irmãos que são ordenados élderes aos dezoito anos, e estão para fazer serviço missionário de tempo integral, necessitam atenção especial. Eles têm recebido, através dos anos, ajuda e encorajamento, de seus bispos. Agora o presidente do quorum deve cuidar que sejam dignos, qualificados, e capazes, quando chegar o dia de sua chamada. Os élderes são necessários no trabalho missionário. **O Senhor deseja mais missionários.** Todo rapaz na Igreja deve servir uma missão. O serviço missionário abençoa a vida de um rapaz mais que qualquer outra coisa poderia fazer durante aquele tempo. Os quoruns de élderes devem tornar-se a agência da Igreja que coroa os esforços, no sentido de lançar todos os rapazes no serviço do Senhor, pregando o Evangelho, e declarando sua mensagem a seus outros filhos.

Qual é o dever missionário do presidente do quorum de élderes? Que deveria fazer um presidente de élderes para assegurar-se de que cada jovem esteja preparado para seu chamado missionário? Aos rapazes, pode ser ensinado o Evan-

gelho com referência acentuada à dignidade moral. Podem ser encorajados a continuar aumentando seu fundo missionário de poupança, a ler o Livro de Mórmon e fortalecer o testemunho, a estudar as palestras de proselitismo (e talvez ter oportunidade de apresentá-las no lar de seus irmãos inativos), a achar investigadores, a respirar e sentir o espírito do trabalho missionário; e tudo isso enquanto são guiados e encorajados pelo presidente do quorum de élderes.

Uma edição nova e revisada do **Manual do Sacerdócio de Melquisedeque** está sendo liberada pela primeira vez neste seminário. Ao estudá-lo, vocês verificarão que foi inteiramente reescrito, e trata mais de princípios e menos de mecanismos. Mais de que nunca, os líderes do Sacerdócio terão que aprender os princípios corretos e depois decidir o rumo a seguir. Agora há maior necessidade ainda de inspiração para dirigir os negócios do quorum.

Mas tudo isto traz recompensas!

Levantai os vossos olhos, e vede as terras que já estão brancas para a ceifa. **E o que ceifa recebe galardão.** (João 4:35-36.)

Eis que o campo já está branco, pronto para a ceifa; portanto, quem deseja ceifar, que lance a foice com sua força, e ceife enquanto durar o dia, para que **entesoure para a sua alma salvação eterna no reino de Deus.** (D&C 6:3.)

E agora, eis que te digo que **a coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que possas trazer almas a mim e descansar com elas no reino do meu Pai.** (D&C 15:6.)

Retornemos agora, contudo, ao nosso tema, que é: **"Irmãos, que**

pensem vocês do ofício de um élder?" Apenas um élder! Apenas o ofício que possuem os apóstolos e profetas nesta vida; somente o ofício que eles terão, quando ressurgirem na glória imortal e entrarem em sua exaltação; simplesmente a porta aberta para a paz nesta vida, e a coroa de glória na vida futura.

Apenas um élder! Apenas um élder no tempo e na eternidade!

"O que devemos entender pelos vinte e quatro élderes de que fala João?" A resposta revelada é: "Devemos entender que os élderes que João viu eram élderes que haviam sido fiéis no trabalho do ministério e haviam morrido." (D&C 77:5.) Ouçamos agora as palavras que João escreveu, em relação àqueles que foram élderes fiéis nesta vida e que são élderes exaltados nas esferas vindouras: "... eis que estava uma porta aberta no céu... E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no céu, e um assentado sobre o trono... E ao redor do trono, havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos, (élderes) vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro." (Apo 4:1-2, 4.)

Apenas um élder! "Tinham sobre suas cabeças coroas de ouro." Moisés orou: "Oxalá que todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu espírito!" (Núm 11:29.) Seria bom que orássemos: "Oxalá que todos os élderes entre o povo do Senhor fossem fiéis, **que alimentassem o rebanho de Deus, que tomassem a supervisão do rebanho, que fossem o exemplo para as ovelhas,** e tudo para a honra e glória daquele Deus do qual são ministros."

Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na sessão matutina de sábado, 5 de outubro de 1974, da 144.^a Conferência Geral Semianual.

Numa cálida noite do verão passado, minha esposa e eu fomos assistir a uma partida de baseball profissional. Durante a primeira parte do jogo, nossa atenção foi desviada do campo por um retardatário. Ao passar por nós, ele reconheceu-me e perguntou: — Quem está perdendo?

Respondi: — Nenhum dos dois.

Notei que, ouvindo minha resposta, ele deu uma olhadela no quadro marcador, viu que a partida não estava empatada, e seguiu seu caminho certamente intrigado comigo.

Segundos depois de ele chegar ao seu lugar um tanto afastado, minha esposa comentou: — Ele não o conhece muito bem, não é?

Quem está Perdendo?

O rumo que estamos seguindo é mais importante do que a posição ou o lugar.

Elder Marvin J. Ashton
do Conselho dos Doze

— O que a faz dizer isso? — perguntei, ao que replicou:

— Se conhecesse, ele saberia que você nunca acha que alguém esteja perdendo. Alguns estão mais adiantados, outros atrasados, mas ninguém está perdendo. Não é verdade?

E eu tive que sorrir com um cáldo sentimento interior.

Todos nós, jovens e velhos, faremos bem em reconhecer que a atitude é mais importante que o

escore; o desejo, mais importante que o escore; o ímpeto, mais importante que o escore. O rumo que estamos seguindo é mais importante do que a posição ou o lugar.

A verdade “Porque, como [o homem] imaginou na sua alma, assim [ele] é.” (Prov. 23:7), continua tão válida hoje como sempre foi. Lembro-me de haver conhecido anos atrás certo moço que mandara tatuar em seu corpo os dizeres “UM PERDEDOR NATO”. Acho que não se surpreenderão sabendo que o encontrei numa prisão estadual.

Lembro-me também de certa ocasião em que perguntei a dois garotos se sabiam nadar. Um respondeu que não. O outro disse: “Não sei. Nunca tentei.” Talvez inconscientemente, eles davam a perceber sua atitude.

Neste mundo constantemente em



crise, a atitude apropriada é um bem inestimável. Jamais foi tão importante para todos nós seguirmos avante com convicção. Podemos estar atrasados, mas, se estivermos seguindo na direção certa, não somos perdedores. Deus não contará nossas realizações antes do fim da jornada. Aquele que nos criou espera que sejamos vitoriosos. Está sempre a postos, ansioso por atender nossos chamados de socorro. Embora triste, é verdade que hoje em dia muitos estão atrasados em seus contatos com Deus, incentivando atitudes destrutíveis contra si próprios e contra seus semelhantes. Se quisermos seguir para a frente e para cima, temos que guiar com bom ânimo, otimismo e coragem.

As declarações "... e em tudo dai graças" (D&C 98:1), "Em todas as coisas renderás graças ao Senhor teu Deus" (D&C 59:7) e "... aquele que com ações de graças receber todas as coisas, será feito glorioso" (D&C 78:19), além de recomendações de apreço, são também poderosas diretrizes comportamentais, prescrevendo padrões de recompensa. Pensem no desafio pessoal de agradecer a Deus em todas as coisas. Se assim fizermos, não haverá risco de nos atrasarmos. Devemos procurar a cada dia bater o recorde do dia anterior, não o de outra pessoa. Com a ajuda do Senhor, podemos fazer todas as coisas e sermos realmente vencedores nos processos de eternidade.

Devemo-nos esforçar por uma entranhada atitude de autoconfiança que nos fará ter fé em nós mesmos. Quão importante é para a vida de todos nós adquirir um equilíbrio adequado de confiança e humildade. A autoconfiança apropriada permite a todo homem saber que existe dentro dele uma centelha de divindade à espera de ser nutrida em significativo crescimento. Uma atitude adequada ca-

pacita-nos a viver em harmonia com nosso potencial.

Devemo-nos acautelarmos contra o orgulho. O egotista não chegará a parte alguma neste mundo, porque pensa que já está lá. Disse alguém que o egotismo é o anestésico que embota a dor da estupidez. O egotismo pode ser um câncer para a alma.

A atitude com que enfrentamos cada dia controla o resultado. É preciso preocuparmo-nos mais com a maneira de reagirmos ao que nos acontece, do que com o que nos acontece. Manter uma atitude adequada para com o próprio eu é uma busca eterna. A atitude pessoal positiva far-nos-á dar o melhor de nós, ainda que o momento pareça satisfazer-se com menos. A atitude apropriada exige que sejamos realistas — ainda que em relação ao próprio eu — e exerçamos autodisciplina.

Gostaria de compartilhar com os irmãos alguns versos de um escritor do século dezanove, Josiah Gilbert Holland. Seu busto encontra-se exposto na Galeria da Fama, tendo aos pés estes poderosos versos de sua autoria, intitulados "Precisa-se"

Deus nos dê homens. Tempos

[como estes exigem
Mentes vigorosas, corações nobres,

[fé verdadeira e mãos dispostas.
Homens que resistam à luxúria do

[poder,
Homens que os esplendores do

[poder não possam comprar.
Homens possuidores de opinião e

[vontade própria.
Homens amantes da honra, homens

[inimigos da mentira.

Uma atitude apropriada é o requisito prévio para um ótimo desempenho. Necessitamos de homens com coragem para pôr em ação atitudes apropriadas. Hoje em dia, necessitamos de mais homens com paciência e perseverança propositada. Necessitamos de

mais homens com a convicção destemida de um Joseph Smith, um Harold B. Lee, um Spencer W. Kimball, tão corajosa e intrepidamente declarada em seu discurso de orientação geral. Joseph Smith — vibremos com sua atitude, enquanto compartilhamos estas linhas suas. Nelas transparecem sua majestade e atitude.

"Assim era comigo. Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz, vi dois personagens, e eles em realidade falaram comigo; e ainda que perseguido e odiado por dizer que eu tivera uma visão, entretanto era verdade; e enquanto eles me perseguiam, injuriando-me e dizendo toda espécie de falsidades contra mim, devido às minhas afirmações, fui induzido a dizer em meu coração: Por que me perseguem por dizer a verdade? Tive realmente uma visão; e quem sou eu para opor-me a Deus? Ou, por que pensa o mundo fazer-me negar o que realmente vi? Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim, ofenderia a Deus, e estaria sujeito à condenação." (Joseph Smith 2:25.)

Outro ingrediente importante da atitude adequada é a elasticidade, a aptidão de enfrentar mudanças. A adaptabilidade amortece o impacto das mudanças ou desapontamentos. O amor pode tornar-se um poderoso "pára-choques" ao nos ajustarmos a provações e tragédias.

Precisamos desenvolver constantemente esperança em nós mesmos e naqueles que nos cercam. Temos que transformar pessoalmente dias negros em claros. Não é uma satisfação, estímulo e luz ver alguém com pesados desafios e fardos avançando em busca da vitória na única peleja que realmente importa? A esperança possibilita-nos saber que, mesmo no fracasso

ou revés temporário, existe sempre uma outra oportunidade, um outro amanhã.

Uma das maiores tragédias de nossos tempos é ver filhos de Deus — vocês e eu — vivendo e desempenhando abaixo de sua real capacidade. Adquirimos força e coragem ao compreendermos que o chamado “vem e segue-me” (Mateus 19:21) foi feito de esperança e confiança, pelo amoroso Salvador que nos convida independentemente do que somos ou fomos. Ele foi o exemplo perfeito. Ele teve a atitude perfeita. Ele viveu a vida perfeita. Ele continuaria fiel ao seu chamado a qualquer custo. Sua labuta, sua vida e seus ensinamentos são tesouro valioso. Nosso caminho está claramente demarcado graças às suas pegadas. Suas experiências são nossa fortaleza. Tenho falado repetidamente aos nossos missionários: “Um moço passar pela experiência de uma missão não é tão importante quanto a experiência da missão ter passado por ele.”

Embora ele, Jesus, fosse um filho ativamente engajado nos negócios de seu Pai, nunca estava tão ocupado, que não pudesse auxiliar u'a mãe preocupada, um homem enfermo, um amigo, uma criança. Essas atitudes, esses serviços, eram apenas evidências visíveis da sua grandeza interior. À medida que nós, também, aprendemos a servir como ele fez, aprendemos a viver abundantemente. A atitude adequada ajuda-nos a encontrar Deus através do serviço prestado a seus filhos.

Nazaré era pequena e desprezada. Carregava a pecha do ridículo. Não fora cenário de nenhum feito histórico. Não produzira nenhum vencedor. “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (Vide João 1:46) Sua atitude, seus labores, sua vida tiraram da obscuridade a pequena vila. Mais tarde, o mundo viria a

chamá-lo de “Jesus de Nazaré”, trazendo honra para a cidadezinha antes tão desprezada.

Embora rejeitado pelos seus, a vontade, o caminho e a obra ainda assim o identificariam como o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele suportou escárnio, ridículo e abusos, porém saiu vitorioso e triunfante, porque estava ativamente engajado nas boas obras. Àqueles que queriam destruir, derrotar e desanimar, ele ensinou que a verdade triunfará. Àqueles que pretendiam profanar seus templos, ele declarou destemido: “Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração — mas vós a tendes convertido em covil de ladrões.” (Mat 21:13.) Suas palavras e atos nessa ocasião foram apenas outra evidência de caráter, convicção, coragem e atitude apropriada.

Toda pessoa no mundo que ama feitos corajosos e aprecia atitudes adequadas, deveria ler e reler os capítulos finais da sua vida. Ele viveu, esse Príncipe da Paz, em genuína majestade. Seus feitos eram escarnecidos na sua cidade natal. Alguns discípulos o abandonaram. Seus inimigos estavam a ponto de triunfar (conforme pensavam.) Qual foi sua atitude? Era de queixas, acusações, retaliação, derrota? Jamais! Suas palavras majestosas foram: “Não se turbe o vosso coração.” (João 14:1); “... eu vençi o mundo.” (João 16:33.)

Na sua derradeira semana de vida, as aclamações de “Hosana” transformaram-se em gritos de “crucifica-o.” Coragem inabalável fê-lo prosseguir para a frente e para cima em triunfo. Os de coração sincero ainda haveriam de compreender o que ele era e por que tinha de morrer. As cenas finais da última semana de sua vida terrena desvendam-nos lições em atitude de grandeza. Aprendam comigo um pouco mais de sua coragem e divindade, enquanto o vemos conti-

nuar fielmente até o fim naqueles dias penosos. Recordemos juntos a última ceia com os discípulos, sua visita ao Jardim do Gestêmani para uma íntima comunhão com o Pai (“... passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” (Mat. 26:39), um sinal de vitória após a batalha, e o prenúncio da crucificação com a chegada dos soldados armados. Quando se apresentaram ousadamente, esperando resistência e rebeldia, ele os recebeu, dizendo: “A quem buscais?... Sou eu.” (João 18:4, 5) Numa colina árida, não muito distante das muralhas da cidade, ele foi pregado na cruz. E ao sofrer a cruel crucificação, sem dúvida houve testemunhas e espectadores que comentaram de acordo com seu limitado ponto de vista: “Ele está perdendo. Está preso. Está derrotado.” Quão enganados estavam e estão. Jesus de Nazaré um perdedor? Jamais! Ele é o nosso Salvador, nosso Redentor, o vencedor, o Filho de Deus.

Nesse dia, ele quis que adotássemos permanentemente a atitude de convicção e compromisso expressa de modo tão comovedor no hino “Que Firme Alicerce.”:

Na vida ou na morte, no fausto ou
[na dor,
Quer pobres ou riscos, tereis o
[seu amor.
No mar ou na terra, em todo o
[lugar,
De todo o perigo, de todo o perigo,
De todo o perigo vos há de livrar.

Hinos, 49

Que grande satisfação é para mim, meus irmãos, prestar testemunho especial da sua realidade, sua força, sua divindade e seus propósitos terrenos. Esta é a igreja dele. Este é o seu Evangelho. Este é o plano dele para todos os que querem vencer seus apetites, continuar fiéis a ele e ser vitoriosos. Presto testemunho destas verdades em nome de Jesus Cristo. Amém.

Um Missionário para seu Próprio Povo

Atle Tessem agitou-se nervosamente e deu voltas na cama. Seus pensamentos inquietavam-no. Estava só, longe de casa, à procura de respostas.

Havia deixado seu lar em Atryn, Noruega, para trabalhar na cidade de Bergen. Seu emprego era num matadouro.

“Sentia-me confuso com a vida. Não entendia de política. Estava em dúvida quanto à religião.

“Deitado ali, naquela noite, decidi que, se conseguisse descobrir o que era certo, eu o seguiria. A vida seria mais fácil conhecendo o caminho correto e tinha a forte impressão de que devia aceitar a

verdade, não importa de onde viesse”, explicou.

Tentou resolver por si o que era certo e o que era errado. Conversou com o irmão, falou com amigos, mas ninguém soube apontar-lhe o caminho.

Passava a maioria das noites bebendo e discutindo política no bar.

“Uma noite, estava bebendo e por alguma razão decidi voltar cedo para casa. No ponto do ônibus, vi dois jovens estrangeiros. Eu sabia que moravam perto do meu apartamento, por isso resolvi falar inglês com eles.

— “O que estão fazendo na Noruega? — perguntei-lhes.

— “Nós somos missionários. O



que sabe a respeito dos mórmons?
— foi a resposta.

— “Eu não acredito em Deus,
— retrucou Atle, mentindo para si mesmo.

“Eu queria descobrir o motivo pelo qual saíam de casa para pregar. Queria saber como se sentiam a respeito da vida e da política.”

Os dois missionários eram Robert Don Hardy; de El Cajon, Califórnia, e Graeme S. Russel, de Diamond City, Alberta, Canadá.

— “Gostaríamos de conversar com você, — disse-lhe o Élder Hardy.”

O jovem norueguês concordou. Duas ou três noites por semana, ficava estudando com os missionários. Estes deram-lhe um exemplar do Livro de Mórmon e um cartão citando Morôni 10:4 num dos lados e no outro os quatro passos da oração.

“Comecei a ler o Livro de Mórmon e achei-o muito interessante. Li-o correndo, ansioso por saber mais. À noite, ficava deitado, refletindo sobre o que aprendera. Uma noite comecei a orar, mas veio-me a impressão de que devia ajoelhar. Então pulei da cama e fiz minhas orações de joelhos. Foi aí que comecei a obter um testemunho. Eu sabia que o Livro de Mórmon era autêntico.

“Eu acabara justamente de ler o livro RA II, de Thor Heyerdahl*, no qual ele faz menção dos mórmons. Quando li o Livro de Mórmon, senti fortemente que ele era verdadeiro. Pude observar coisas nesse livro exatamente iguais às que estão acontecendo hoje em dia.”

Porém, Atle continuou a beber e a freqüentar os bares.

“Lembro-me da primeira vez em que os missionários falaram da Palavra de Sabedoria. Eu havia justamente deixado o cigarro, por

achar que não era bom. Eu gostava de esportes e ler artigos sobre os malefícios do fumo. Foi uma coisa realmente estúpida eu ter começado a fumar; não sei como pude fazer tal coisa.

“Quando os missionários me explicaram a Palavra de Sabedoria, eu soube que ela é verdadeira. Porém, um amigo continuou a oferecer-me café. Eu recusei, então ele me trouxe uma xícara de chá. Em lugar de dizer não, tomei uma xícara. Embora não sendo membro da Igreja, senti a consciência tão pesada, que nunca voltei a fazê-lo”, recorda ele.

Atle ficou profundamente impressionado na primeira vez que compareceu a uma reunião de testemunhos.

“Senti-me impelido a levantar, mas tinha receio, por não ser membro”, diz ele. Quando os missionários, poucas semanas mais tarde, perguntaram se estava disposto a batizar-se, ele respondeu que não.

— “Eu os avisarei, quando estiver pronto para o batismo, — explicou-lhes.

“Eu queria meditar sobre o caso e estar absolutamente seguro. Cerca de três meses mais tarde, decidi dizer aos missionários que estava preparado na próxima vez que os encontrasse. Mas eles me perguntaram primeiro e eu concordei.

“Eu havia encontrado a verdade que procurava, levava uma vida diferente e sentia-me satisfeito. Nesse dia, indo para casa de ônibus, eu estava sozinho com o motorista. E fiquei o tempo todo sorrindo e chorando.

“Os élderes eram um bom exemplo para mim. Ensinaaram-me como realizar uma reunião familiar, fazendo-a comigo. Puseram-me no caminho certo e eu tinha prazer em segui-lo.”



O presidente Gosta Berling, da Missão Oslo-Noruega, em companhia de seu assistente, Élder Atle Tessem

Logo Atle foi chamado como segundo conselheiro da Escola Dominical. Cerca de um ano mais tarde, foi ordenado élder, e pouco depois chamado a cumprir uma missão na sua própria terra, a Noruega. Ali serviu como assistente do Irmão Gosta Berling, presidente da Missão Oslo-Noruega. Foi um missionário eficiente e entusiasta.

Enquanto em missão, afirmou: “É para mim uma grande vantagem ser um missionário norueguês na Noruega. Conheço o país e conheço o povo. E quando bato numa porta, eles parecem compreender meu interesse neles.

“O presidente Spencer W. Kimball solicitou que cada país forneça seus próprios missionários. Estou muito contente em representar a Noruega como missionário. Sei que o profeta sabe o que deve ser feito para difundir o Evangelho.”

*. Autor, explorador, antropólogo norueguês que defende a teoria de que as ilhas do Pacífico Sul foram povoadas por pessoas que partiram das Américas.

"Les Derniers Jours"

John A. Green

O carro entrou na curta rua sinuosa, e foi avançando lentamente, enquanto seu motorista estudava os números nos imponentes edifícios cinzentos. Ali estava *rue de Lota* n.º 3. O carro parou encostado ao meio-fio. O motorista ficou sentado por mais um momento, as mãos agarradas ao volante. Levava bem uma hora e meia para vir de sua casa em Dourdan até este ponto de Paris. E agora, como iria apresentar-se? O que diria?

— Chamo-me Albert Roustit. Estou interessado naquelas duas últimas palavras do



nome de sua igreja: *derniers jour* [últimos dias]...

Seria uma abordagem bastante honesta, mas será que não soaria um pouco esquisita ou quem sabe um tanto brusca? Talvez: — Sou estudante de música na Universidade de Sorbonne. Meu nome é Albert Roustit e acabei de ler algumas coisas sobre a sua igreja que me interessam. Seria inconveniente fazer-lhe uma ou duas perguntas?...

Bem, era melhor ver primeiro se alguém atendia à porta, depois decidir o que dizer.

Albert Roustit desceu do carro, atravessou a calçada e tocou a sineta.

Na verdade, o que induzira a ir àquele lugar nesse dia? Sorriu de si para si. Ele não o teria feito anos atrás, antes de lecionar na África, por exemplo. Possivelmente alguma igreja poderia ter entrado em contato com ele naqueles tempos, porém quase que certamente ele não procuraria igreja alguma. Deus e igreja não tinham grande importância para ele. Mas então, encontrara um dos *Amis de l'homme* ("Amigos do homem") que o ajudou a descobrir o amor a Deus. Mais tarde, outro grupo despertara seu interesse pelo estudo da Bíblia; diversos sermões por pastores de um terceiro grupo incentivaram-no ainda mais.

Porém, isto fez surgir naturalmente questões de interpretação, em particular quanto ao cumprimento das profecias bíblicas nos últimos dias, e parecia-lhe que justamente nesse ponto da história da humanidade em que a previsão profética era de suma importância, quando o homem tinha a maior necessidade de entender sua época e seu destino, a visão estava obscurecida, e os homens, por mais eruditos e sinceros que fossem, sentiam-se confusos.

Os próprios profetas, por outro lado, pareciam falar com total convicção do que haviam visto e o que previam. Albert Roustit tinha a impressão de que o futuro da humanidade devia ser previsível, com muitos pormenores, até os últimos dias e o glorioso advento final do Salvador. Os profetas tinham previsto e descrito vários altos e baixos de espiritualidade, e particularmente dois apogeus espirituais: O primeiro, quan-

do Cristo estabeleceu pessoalmente o reino de Deus na terra, e o segundo que devia dar-se nos últimos dias, antes e durante a Segunda Vinda. O primeiro foi um ápice espiritual como o mundo jamais conhecera, uma efusão como nunca mais iria viver até os últimos dias.

O fato que despertara o interesse de Albert Roustit foi que a evolução da história da música, ao examinar-se seu passado, também parecia "previsível" e que, exatamente como a história espiritual do homem, apresentava perceptíveis altos e baixos no desenvolvimento da arte musical. Sentira-se particularmente intrigado pelo que lhe parecia um íntimo paralelismo entre os vários augees espirituais, conforme podiam ser identificados na história, e os picos de realização artística no campo da música. Para ele, era como se uma linha de previsível "profecia" musical apoiasse, confirmasse e ilustrasse o que os profetas bíblicos haviam predito. Certamente, pensou, a arte musical, da mesma forma que outras formas de expressão humana, não pode deixar de refletir as aspirações, os interesses, triunfos, fracassos e males da sociedade, constituindo como que uma prova ou espécie de confirmação das antigas profecias bíblicas sobre a futura maneira de agir e pensar do homem. Albert Roustit não achava lógico que fosse tão previsível a evolução espiritual do homem, mas não o seu desenvolvimento social ou artístico. Por que não iria haver paralelos? Acaso poderia o homem evoluir espiritualmente num sentido, socialmente em outro e artisticamente num terceiro?

Muitas dessas suas perguntas e os resultados da pesquisa em busca de respostas ele as verteu num livro, *La Prophétie musicale dans l'histoire de l'humanité* (A Profecia Musical na História da Humanidade), publicado em abril de 1970. Inicialmente, esperara que o estudo servisse como tese de doutoramento em musicologia na Sorbonne, mas deveria ter previsto que era um trabalho por demais heterodoxo, não-acadêmico e controvertido, para que lhe fosse permitido defendê-la. Entretanto, o renomado organista e compositor francês, Olivier Messiaen, não pensava assim, e num longo prefácio, exprimia sua contrariedade pessoal

em simplesmente se ignorar o trabalho como indigno da atenção dos eruditos:

“Talvez alguns se assombrem por eu haver concordado em prefaciar este livre. Na verdade, várias afirmações do autor, não só a respeito de religião mas também no campo da música, não se harmonizam com minha opinião pessoal. Ele é um ex-aluno meu — tirou o primeiro lugar nos meus cursos de teoria no Conservatório de Paris — e pode parecer que prefaciei sua obra unicamente por amizade, e não por outro motivo qualquer. Isto não é verdade. . . . Senti-me simplesmente arrasado — este é o termo exato — pelas extraordinárias coincidências que saltam aos olhos de cada página deste livro entre a história da linguagem musical e sua evolução de um lado, e do outro, a história da humanidade e as profecias bíblicas que falam do início do homem, sua destruição, suas punições e sua ressurreição. Mas, o que me levou a esta decisão, e digo-o para que todos possam entender, é a formidável, aterradora atualidade do livro. . . . É prudente estar-se preparado. É isto que lemos em cada uma das páginas que seguem. É por isso que escrevi o prefácio para a presente obra.”

Entrementes, Albert Roustit escolheu rapidamente outro tópico para a tese que desta vez pretendia desenvolver de modo suficientemente tradicional para satisfazer aos padrões puramente acadêmicos de seus mestres: “*Le Theatre de Hector Berlioz*”. Decidiu-se por este tema por exigir pesquisa de um determinado período da história que simplesmente não conseguia esquecer. A tremenda importância desse período fora a mais excitante descoberta, enquanto escrevia o *La Prophétie musicale dans l'histoire de l'humanité*, mas, na época, suscitou uma indagação pungente para a qual ainda não conseguira encontrar resposta satisfatória.

Em essência, tinha a ver com os últimos dias, ou pelo menos com o período inicial dos últimos dias, caracterizado pelo grande, profetizado despertar espiritual, aquele novo e derradeiro apogeu espiritual descrito de modo tão vívido pelos profetas bíblicos, porém obviamente sem qualquer data específica que o identificasse.

Pois bem, ao estudar as Escrituras e traçar a linha de “profecia” musical para *Le Prophétie musicale dans l'histoire de l'humanité*, Albert Roustit convencera-se de que a grande efusão espiritual devia ter começado algures, entre 1798 e 1844, período que marca o rompimento final com a tradição.

Devia ter começado nessa época, mas então onde estavam as grandes manifestações espirituais para confirmá-la? Seus amigos religiosos sugeriram que a fundação da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em 1804, que lançara a tradução da Bíblia em tantos idiomas e inspirara a organização de grupos semelhantes no continente, era a resposta procurada. Por falta de argumento melhor, ele usara tal solução no texto de sua obra, porém ela não o satisfazia. Embora amasse a Bíblia, sentia que a mera tradução e incremento dessas antigas Escrituras não preenchia seu conceito do profundo despertar espiritual nos últimos dias. Afinal, a Europa dispunha da Bíblia havia séculos, e os europeus jamais chegaram a uma conclusão quanto ao que ela significava ou quanto ao que deviam fazer com ela. As novas traduções que a Europa estava enviando a outros continentes exerceriam, sem dúvida, um efeito espiritual sobre os diferentes países que as recebiam, mas certamente fariam também surgir os mesmos argumentos.

E onde encontrar na própria Europa a tal efusão espiritual? No seu entender, essa última grande efusão espiritual deveria atingir todas as nações e povos, de acordo com as palavras do próprio Senhor, em Mateus 24:14, devendo ainda incluir, segundo João prediz na Apocalipse 11:3, uma restauração do poder de profecia.

E assim, Albert Roustit começou a trabalhar numa segunda tese, porém o desejo de descobrir de que maneira o Senhor começou a derramar seu espírito e suas punições sobre a terra, e como restaurou o poder de profecia, isso tudo entre 1798 e 1844, não o deixava em paz.

Voltando da África de avião poucos anos antes, ele lera um breve artigo sobre

os mórmons. Nunca antes ouvira falar deles, e o tal artigo não esclarecia muita coisa. Na época, classificou-os mentalmente como um estranho grupo de americanos e tirou-os da cabeça. Então, justamente mais ou menos há um dia, caíra-lhe nas mãos um outro artigo sobre eles, seu segundo contato com os mórmons. Este informara-o de que o verdadeiro nome da organização deles, em francês era *L'Eglise de Jesus Christ des Saints des derniers jours... les derniers jours* — “os últimos dias”. Estas palavras positivamente saltaram-lhe à vista, e o artigo forneceu-lhe o endereço da organização em Paris: 3, rue de Lota.

E por isso ali estava ele, tocando a campanha, curioso sobre quem e o que encontraria lá dentro.

A porta abriu-se, e Albert Roustit foi convidado a entrar. Foi apresentado e deixado a sós com o presidente da missão, Smith B. Griffin, atualmente um representante regional do Conselho dos Doze.

Albert Roustit não perdeu tempo em chegar à questão. Estava interessado naquelas duas palavras “*derniers jours*”. Contou que suas pesquisas o haviam convencido de que uma grande efusão espiritual predita nas Escrituras, tinha começado no período que vai de 1798 a 1844, e que mais cedo ou tarde, a restauração do poder de profecia viria a fazer parte dessa efusão, se é que já não tivesse ocorrido. Indagava se aquilo fazia algum sentido para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Durante a hora seguinte, Albert Roustit escutou o relato da Primeira Visão de Joseph Smith em 1820, de seu chamado como profeta de Deus, da restauração do Evangelho e organização da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a 6 de abril de 1830, e do martírio de Joseph Smith em 1844. Soube que a missão recebida pela Igreja era a de pregar o Evangelho do reino em todo o mundo “como testemunho a todas as nações” nos últimos dias.

Durante aquela hora, afirma Albert Roustit, tudo começou a encaixar-se perfeitamente, e sentiu-se intelectualmente convencido de que, afinal, encontrara a resposta de sua principal questão. Ao fim daquela

hora, testifica ele, o Espírito prestou testemunho a sua alma de que a efusão espiritual realmente acontecera, que o poder de profecia fora de fato restaurado, e que a mensagem estava sendo levada a todos os povos da terra. Ele tinha testemunho de que as coisas que acabara de ouvir eram verdadeiras.

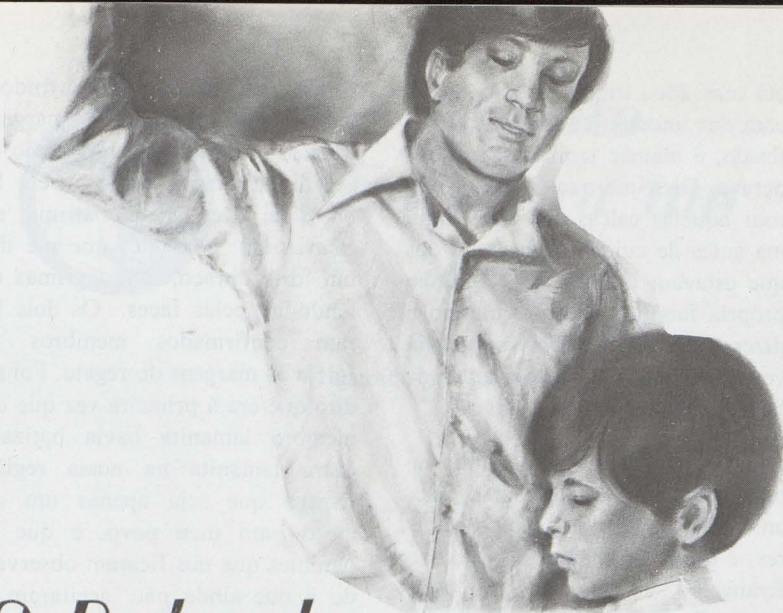
Mais estudo, jejum e oração prepararam-no para o batismo, a 24 de abril de 1971.

Albert Roustit é agora um élder ordenado na Igreja, sua encantadora esposa batizou-o mais recentemente, e eles estão criando seu filhinho dentro do Evangelho.

Albert Roustit eventualmente completou sua tese acadêmica sobre “*Le Theatre de Hector Berlioz*”, defendendo-a brilhantemente na Sorbonne, em 1973. A tradução inglesa de seu livro anterior, com algumas revisões, está para ser publicada, porém sob o título *Musical Prophecy in the History of Mankind (Profecia Musical na História da Humanidade. N. do T.)*. Atualmente ele está cuidando da tradução para o alemão. Esta é a mensagem, este é o trabalho que continua a interessá-lo e que acha estar começando a entender melhor do que antes.

O falecido Apóstolo John A. Widtsoe gostava de recordar-nos uma bela parábola: “. . . o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada no mar, e que apanha toda qualidade de peixes. . . Assim será na consumação dos séculos. . .” (Mat. 13:47-50) Albert Roustit é um dos muitos que estão sendo apanhados na rede do Evangelho nestes últimos dias. Seu testemunho do Espírito e sua conversão estão entre as muitas maravilhosas evidências de que Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre, e que a efusão espiritual predita por seus numerosos profetas está em verdade alcançando os mais remotos recantos da terra nestes últimos dias, a fim de reunir os eleitos do Senhor para o Deus e Pai de todos nós.

O Dr. John A. Green é professor de francês e literatura francesa na Universidade Brigham Young. Serve como diretor de aperfeiçoamento didático na Ala 38 de Orem e como membro da junta da Escola Dominical da Estaca Sharon, Orem, Utah.



O Poder do Sacerdócio em Minha Vida

Howard E. Willis

Ilustração de Jerry Harston

Na primeira vez em que senti o poder do Sacerdócio em minha vida, eu nem sequer sabia o que era.

Lembro-me ainda do dia em que os élderes Clemett e Sherret chegaram à nossa casa de dois cômodos, em Blackbird Creek. Eu não sabia o que era um élder, apenas que gostava deles. Eles traziam "slides" para ensinar-nos o Evangelho. Aprendemos as lições e divertimo-nos juntos. Eles eram bons para nós. Depois de algum tempo, meu irmão mais velho, Bobby, minha irmã Doris, meu irmão mais moço Vernon e eu estávamos prontos para o batismo. Os élderes levaram-nos para Tulsa, Oklahoma, a fim de sermos batizados. Eu não tinha

medo de ser batizado, pois confiava nos élderes. Depois do batismo e de ser confirmado membro da Igreja, senti-me bem por dentro.

Durante todo o ano seguinte, os élderes Clemett e Sherret ficaram insistindo comigo para que fosse para Denver, Colorado, como integrante do programa de colocação * de estudantes índios. * Dois dias antes da data marcada para a saída do ônibus, eu ainda estava em dúvida se iria, mas tive um sonho que me mandava ir. Então mamãe tomou emprestada uma maleta de minha tia, na qual arrumamos minha única camisa e um par de meias, e dois envelopes com o endereço de casa. E assim parti com os élderes para tomar o ônibus.

Foi depois de estar um ano no programa de colocação que recebi o Sacerdócio. Meu pai adotivo, que era igualmente meu bispo, e meu avô adotivo conferiram-me o Sacerdócio Aarônico na sala da frente de nossa casa, pouco antes de partirmos para a conferência geral de outubro. Assim tive a oportunidade de participar da reunião geral do Sacerdócio.

Depois de retornarmos a Denver, tive minha primeira oportunidade de distribuir o sacramento. Não posso explicar como me achava toda vez que passava o sacramento, porém sempre sentia uma satisfação interior. Naquele ano inteiro, não deixei de distribuir o sacramento uma única vez. Eu gostava de sentir aquela emoção. Pude servir como conselheiro no quorum dos diáconos, e depois como seu presidente.

Terminado o ano escolar, fui passar o verão em casa. Pouco antes do fim das férias, meu irmão caçula, Lincoln, teve um princípio de infecção na perna que finalmente exigiu sua hospitalização. Despedi-me dele no hospital e parti para Denver. Mamãe escreveu à minha mãe adotiva que Lincoln estava piorando, em vez de melhorar. A infecção da perna atingira agora o osso, e os medicamentos não estavam fazendo efeito. Contou que iam deixar Lincoln visitar a família no próximo fim de semana, para depois operá-lo e amputar-lhe a perna direita, abaixo do joelho. Como não temos telefone em casa, minha mãe adotiva mandou uma carta expressa, aconselhando minha família a chamar os élderes antes da operação, para dar-lhe uma bênção de saúde, e que, se tivessem fé, o Pai Celestial ajudaria o Lincoln. Na semana seguinte, recebemos uma carta dizendo que os élderes tinham ido na sexta-feira à noite e administrado ao Lincoln,

abençoando-o para que sarasse e não tivesse que perder a perna. Meu irmãozinho tinha então apenas seis anos, mas ainda se lembra de como, ao terminarem de orar, teve uma sensação parecida com um choque elétrico passar pela perna. Quando Lincoln chegou ao hospital na segunda-feira de manhã, os médicos fizeram mais algumas chapas para ver até onde tinham que amputar, para eliminar o osso infeccionado. Então não conseguiram acreditar no que viam, pois não restava mais nenhum sinal de infecção no osso — a perna estava totalmente sã. Lincoln saiu andando do hospital, enquanto mamãe explicava aos médicos a respeito dos élderes. Ficamos tão contentes por causa do Lincoln!

No domingo seguinte, eu completei quatorze anos, e fui ordenado mestre no Sacerdócio Aarônico. Durante meu tempo de mestre, servi como presidente do quorum e aprendi como preparar o sacramento. Aos quinze anos, recebi minha bênção patriarcal, que será uma coisa muito importante para mim durante o resto de minha vida. Tenho coisas a fazer nesta vida, todas elas relacionadas com o Sacerdócio.

Aos dezesseis anos, fui ordenado sacerdote, umas duas semanas antes de voltar para passar o verão em casa. O nosso quorum de sacerdotes tinha sido designado a cuidar dos batismos da estaca no sábado seguinte; por isso, minha mãe adotiva comprou-me uma camisa e um par de calças brancas que eu devia vestir na reunião. Não tive oportunidade de usá-las naquele dia, pois todos os candidatos a batismo trouxeram alguém para batizá-los. Minha mãe adotiva disse que aquelas roupas brancas se destinavam a seu usadas para batizar alguém na Igreja e que eu tinha duas oportunidades de ouro esperando por mim

em casa. Meu irmão Lincoln estava com dez anos e não havia sido batizado, e mamãe também ainda esperava. Disse-me que eu não podia usar aquelas calças em parte alguma antes de cuidar do batismo dos que estavam preparados na minha própria família. Chegou mesmo a dizer à mamãe que não me queria ver usando as ditas calças antes de haver cuidado de certa coisa.

Durante uma visita de minha família adotiva naquele verão, eles entraram em contato com os élderes, e estes começaram a ensinar o Evangelho a mamãe e ao meu irmão. Explicaram-lhes por que era necessário que se batizassem. Finalmente mamãe marcou um dia para ela e Lincoln se batizarem. Disse que, sendo uma índia de puro sangue **cherokee**, gostaria de ser batizada no regato, como alguns de seus irmãos lamanitas, em outros tempos. As irmãs do ramo fizeram uma roupa branca para mamãe, e os élderes trouxeram as do Lincoln. Eu peguei minhas roupas brancas e fomos para o regato que passava a uns três quilômetros, no meio da mata. O lugar escolhido por mamãe era muito bonito. Uma porção de gente viera assistir ao batismo. Alguns tinham vindo até de Tulsa, da presidência da missão e do sumo conselho. Também compareceram alguns de nossos parentes índios, mas que ficaram nas sombras, observando silenciosamente. Senti um espírito todo especial ali naquela tarde.

Tomando meu irmão Lincoln pela mão, fomos para o meio do regato, onde a água me chegava à cintura. Eu ficara repetindo mentalmente aquelas palavras o tempo todo para não errar, e comecei dizendo: "Lincoln Preston Willis, tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Amém.", e depois submergi meu

irmão. Ele levantou-se sorrindo e levei-o de volta para a margem. Mamãe e eu fomos para o meio do regato de braços dados, e ela foi batizada. Depois do batismo, ela estava tão contente, que me deu um forte abraço, e vi lágrimas rolando-lhe pelas faces. Os dois foram confirmados membros da Igreja às margens do regato. Foi-me dito que era a primeira vez que um membro lamanita havia batizado outro lamanita na nossa região. Espero que seja apenas um começo para meu povo, e que os parentes que nos ficaram observando e que ainda não aceitaram o Evangelho se lembrem desse dia e estejam preparados para receber os élderes.

Na minha bênção patriarcal, o Pai Celestial disse-me que desejava que eu faça uma missão entre meu povo. Para isso serei ordenado um élder e passarei pelo templo. Quero um dia ser casado no templo e espero ser selado à minha família. Quero que meus filhos tenham o Sacerdócio. Atualmente, os élderes estão dando aulas a meu pai, e tenho a esperança de que esteja preparado para batizar-se, quando eu voltar para casa neste verão.

O Sacerdócio significa ação, e somente poderá ser um poder em minha vida, se eu o usar diariamente. Sinto que o Senhor me pedirá contas do que fiz com a autoridade que me foi concedida e como afetou ela minha família. Quero poder prestar boas contas de mim mesmo.

* Programa patrocinado pela Igreja através do qual crianças índias (lamanitas) vivem com outras famílias SUD durante o ano letivo, voltando para casa durante as férias e quando terminam a escola.



Juanito Encontra um Meio

Carol S. Lemon
Ilustrado por James Christensen



Juanito tentou limpar a sujeira da camisa rasgada.

— Também por que eu tinha que perder a cabeça outra vez? — falou de si para si. Descendo pelo caminho, ele podia ver a mãe e a irmã colhendo verduras da horta nos fundos da casa. Não muito longe, sua avó estava sentada no banco debaixo da laranjeira, entretida com seu trabalho de renda **nhanduti**.

— Olá, Juanito! — cumprimentou-o a mãe, dirigindo-se para a casa com uma cesta cheia de verduras. — Por que está chegando tão tarde?

— Desculpe, mamãe. Tentarei não me atrasar outra vez, — respondeu o menino, e depois virou-se e correu para dentro, a fim de trocar de roupa antes que ela notasse sua camisa suja e rasgada.

— Mas, Juanito, você andou brigando outra vez! — reclamou a mãe aborrecida, quando viu seu rosto inchado. — Quando é que você vai aprender que brigar não resolverá os problemas? Venha para dentro, que eu vou passar um pouco de bálsamo no seu rosto, enquanto você me conta o que houve.

— Nós estávamos jogando futebol depois da aula, — começou Juanito, — quando apareceram uns rapazes maiores e começaram a querer expulsar todo mundo do campo. Carlos e Pablo saíram, mas eu resolvi não me acovardar. Assim, toda vez que me derrubavam, eu me punha de pé outra vez. Então, numa hora em que a bola nem estava perto de mim, o Roberto me passou uma rasteira e me fez cair numa poça de lama.

— Oh, Juanito, sinto muito, — suspirou a mãe.

— O Roberto então ficou ali rindo de mim e me xingando, e antes de saber o que estava fazen-

do, acertei-lhe um soco. Então todos eles caíram em cima de mim.

A mãe apenas franziu o cenho, ao aplicar unguento no rosto de Juanito.

— Pronto, — disse finalmente. — Terminei. Agora, filho, quero que me prometa que não vai brigar mais. Brigar não é o meio de resolver um problema.

— Vou tentar, mamãe, mas não será fácil, — respondeu Juanito, baixinho.

Pouco depois, a família estava preparando as verduras para levá-las à feira na manhã seguinte. Enquanto trabalhava, Juanito lembrou-se do **Señor Benet**, o padeiro da vila, que o contratara para vender seu pão na feira.

Na manhã seguinte, bem cedo, Juanito botou uma roupa branca bem limpinha. Penteou o cabelo com todo cuidado e saiu correndo para a padaria do **Señor Benet**, que já tinha pronta a cesta de pães redondos e chatos, ainda quentes, rescendendo a pão fresco.

— Eu sei que você se sairá bem, Juanito, — comentou o padeiro.


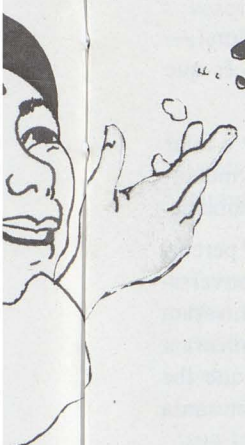
— Muito obrigado, — respondeu o menino. — Hoje à noite voltarei com a cesta vazia — gritou, correndo para alcançar a família.

Quando chegaram à praça, todo mundo estava arrumando suas mercadorias, mas Juanito achou que faria mais negócios andando por entre a multidão.

— **Pan del dia! Pan del dia!** — ia ele apregoando, enquanto andava sozinho por entre o povo. Quando o sol já ia alto, ele tinha vendido quase a metade dos pães.

Que calor, pensou Juanito, enxugando a testa. Acho que vou descansar um pouquinho aqui na sombra.





— Oi, Juanito! — ouviu uma voz vinda da multidão. — O que anda fazendo por aqui e o que é que você tem nessa cesta?

Levantando os olhos, Juanito deu de cara com Roberto.

— Estou vendendo pão para o Señor Benet.

— Pão!? Esta coisa é pão? — perguntou Roberto, apanhando uma daquelas rodelas achatadas. — Isto não tem cara de pão. Veja como voa bem, quase como um passarinho.

E com um rápido movimento de pulso, Roberto lançou o pão para cima, de modo que saiu voando rua abaixo.

— Pare! — gritou Juanito. — Deixe disso!

Roberto ria às gargalhadas, fazendo-se de surdo. Pegou mais outro pão e fez o mesmo.

Juanito adiantou-se um passo de punhos fechados. Então pareceu-lhe ouvir novamente as palavras da mãe: “Brigar não resolve problema algum.”

Quando Roberto estendeu a mão para pegar outra rodela, Juanito esperou um momento e então deu um passo atrás, pondo-se a rir. A princípio ria baixinho, mas depois seu riso foi-se avolumando, até que todos os passantes paravam para ver o que estava acontecendo.

Encarando a multidão, Juanito disse, falando alto:

— Vejam só que engraçado o Roberto! Está comprando pão para jogar fora. Vejam só como ele os faz voar.

Pegando um pão, Juanito ofereceu-o a Roberto.

— Vamos, continue! Jogue quantos quiser. Enquanto isso vou tomando nota. Você poderá pagar todos juntos, quando tiver terminado.

— Eu, pagar a você? — chasqueou o moleque. — Não tenho a mínima inten... — começou a responder. De repente, percebeu aquele punhado de gente observando-os. — Ora, naturalmente, — resmungou. — São três pães que lhe devo, não é?

E Roberto, enfiando a mão no bolso, apanhou o dinheiro que vinha economizando para uma bola de futebol.

— Aqui está o seu dinheiro, — resmungou de mau humor; depois, voltou-se e desapareceu na multidão.

— **Pan del dia! Pan del dia!** — Juanito se pôs a gritar novamente. Logo não restou mais nenhum e ele pôde dirigir-se ao lugar onde os pais o estavam esperando, para voltarem a casa.

— Que excelente vendedor eu encontrei, — comentou o Señor Benet, quando Juanito foi entregá-lhe a fêria do dia. — De hoje em diante, vou entregar todo meu pão para você vender na feira.

Juanito voltou para casa assoobiando, enquanto escutava, deliciado, o tilintar das moedas ganhas no seu bolso. Mamãe tinha razão, pensou consigo mesmo. Brigar não é um bom meio para resolver problemas — principalmente quando posso pôr minha cabeça a funcionar, ao invés dos punhos!

Era uma vez, há muito, muito tempo atrás, um homem já bem idoso, que morava com quatro gerações de sua família numa pequena aldeia. Todos eles viviam tão contentes juntos, que nem mesmo os animais brigavam entre si.

A notícia a respeito dessa família tão fora do comum acabou espalhando-se por todo o reino. Quando chegou aos ouvidos do imperador do Trono do Dragão, ele decidiu descobrir o segredo da felicidade deles.

E assim, um dia, acompanhado de toda a corte, ele chegou solenemente à porta da família Chang.

Um Conto da Velha China

— Ó, Vossa Majestade Real, — foi cumprimentado por Chang Kung, — quanta honra traz à nossa humilde casa!

— Vimos aqui, — explicou o imperador, — para ver por que existe tamanha paz entre vocês que nem mesmo seus animais brigam entre si.

— Vossa Majestade é bem-vindo para ver e falar com todos os membros da minha casa, até o menorzinho deles, — respondeu Chang Kung calmamente.

E assim, os acompanhantes do imperador percorreram todos os cantos e cômodos da casa e conversaram com todo mundo. Por toda parte, encontraram somente paz e contentamento. Quando comunicaram isso ao imperador, este pediu a Chang Kung que lhe contasse o segredo de como conseguia manter tanta gente feliz.

Chang então mandou que um de seus servos lhe trouxesse tinteiro e pincel, e se pôs a escrever sobre



uma pranchinha de bambu uma centena de palavras; depois, entregou-a ao imperador.

— Mas você escreveu a mesma palavra cem vezes! — exclamou o imperador. — O que isto significa?

O velho Chang apenas sorriu.

— Sim, Honorável, — disse ele, — escrevi cem vezes a palavra AMOR, porque é a única coisa no mundo que encerra o segredo da paz.

Quando as notícias da visita do imperador do Trono do Dragão chegaram aos ouvidos do povo, todo mundo quis ter uma fotografia de Chang Kung. E penduraram a fotografia dele acima da lareira e oravam, a fim de que eles também conseguissem aprender a amar uns aos outros como faziam Chang Kung e sua família, para que pudessem ter felicidade em casa, no seu país e algum dia no mundo inteiro.

Se houver justiça na alma,
Haverá beleza na pessoa;
Se houver beleza na pessoa,
Haverá amor no lar;
Se houver amor no lar,
Haverá ordem no país;
Se houver ordem no país,
Haverá paz no mundo.

— Confúcio

Que nenhum homem desobedeça às leis da terra, pois o que guarda as leis de Deus não tem necessidade de desobedecer às leis da terra.

Portanto, sede sujeitos aos poderes estabelecidos até que reine aquele cujo direito é reinar, e subjugue todos os inimigos debaixo de seus pés.

Na verdade digo que os homens devem ocupar-se zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem. (D&C 58:21-22, 27)

Ilustrado por Nina Groves





O Batismo na Noite

Kathie Troxier

Ilustração de Keith Christensen

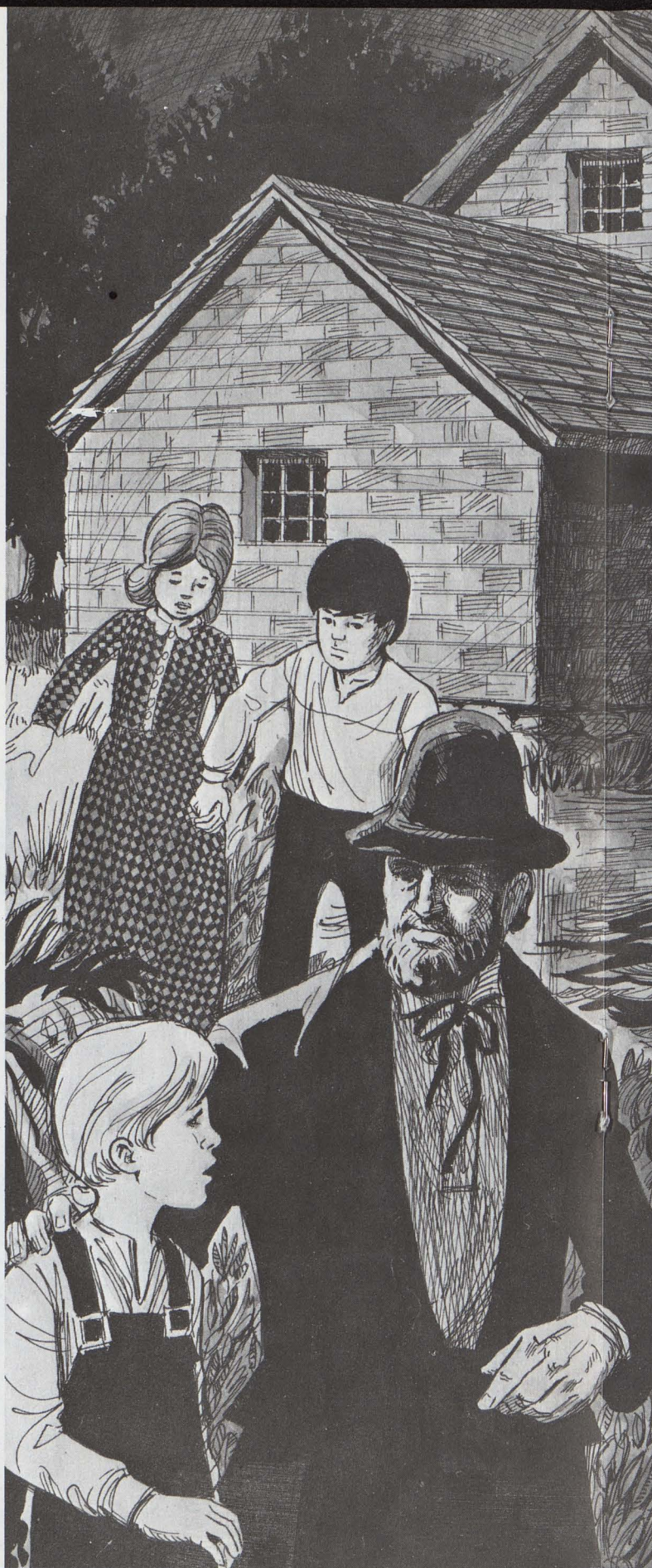
James acompanhava silenciosamente a esguia figura do pai ao longo das margens do canal. Não era fácil enxergar na escuridão da límpida noite de junho, porém qualquer luz seria perigosa.

Elijah e Ellen Gilbert vinham logo atrás do Irmão Talmage e seu filho, tendo todo o cuidado para não perdê-los de vista. Embora os passinhos incertos de Ellen os atrasassem, Elijah não largava a mão da irmã. Já tinha mais idade e conhecia melhor o caminho.

A água corria espadanando ruidosamente por cima da velha roda de moinho, porém um pouco mais abaixo, onde os quatro pararam finalmente, a água mostrava-se bem mais calma.

O pai de James olhou vagarosamente em todas as direções; não havia ninguém à vista. Nenhum morador de Eddington, Inglaterra, havia visto o garoto de onze anos sair do povoado em companhia de seu pai e amigos. Não havia perigo algum em prosseguir com o batismo.

Meses antes, na primavera de 1873, James estivera gravemente doente. E a família Talmage ficou muito preocupada a respeito do garoto, o mais velho





de todos. Haviam-se passado já três anos desde quando deveria batizar-se, e o pai achou que talvez fosse essa a razão da doença do menino. Então fez um convênio com o Pai Celestial de que batizaria James o mais depressa possível, se o fizesse sarar. James recuperou-se, e o pai estava cumprindo a promessa.

O batismo ia ser feito de noite, para evitar qualquer problema com os aldeões. A religião mórmon era nova e impopular naquela região na época, sendo que os membros da Igreja eram muitas vezes maltratados.

Entrando na água, o Irmão Talmage procurou firmar bem os pés, a fim de não perder o equilíbrio com a correnteza. Justamente quando estendeu a mão ao filho, o silêncio da noite foi quebrado por uma espécie de grito apavorante, um misto de uivo e risada estridente, mais alto que o ribombo de um trovão.

James ficou paralisado na ribanceira, e Ellen agarrou-se amedrontada a Elijah. O Irmão Talmage também se assustou com o barulho e compreendia o temor do filho, de pé, sozinho, ali no escuro.

— James, está assustado demais para batizar-se agora? — indagou o pai. A resposta do menino foi

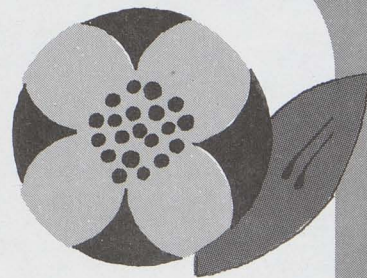
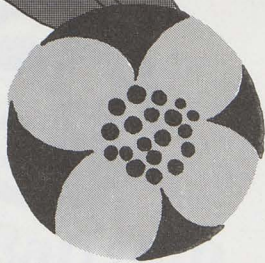
entrar resolute na água.

A água gelada encharcou sua roupa leve, porém o garoto nem percebia os arrepios que lhe percorriam as costas. O barulho cessou tão misteriosamente quanto tinha surgido no exato instante em que James pôs os pés na água. Elijah soltou a mão da irmãzinha e ambos curvaram a cabeça, enquanto o Irmão Talmage pronunciava os sagrados dizeres do batismo. Depois, seu braço vigoroso fez o filho submergir na correnteza.

Elijah ajudou James a subir a margem, enquanto Ellen entrava no canal. Ela também foi batizada naquela noite, fazendo ao Pai Celestial a promessa particular de guardar seus mandamentos.

Chegando em casa, o Irmão Talmage contou aos familiares o estranho acontecimento. **Sem dúvida**, pensou, **aquele barulhão devia ter chegado à casa, porém ninguém ouvira nada de estranho**. Ao interrogar os aldeões no dia seguinte, também não deu em nada; parecia que somente os presentes ao batismo participaram da experiência.

James E. Talmage jamais conseguiu descobrir o que provocou o estranho ruído na noite do seu batismo. Entretanto, por causa da sua confiança no Senhor, tivera a coragem de ser batizado e de obedecer aos mandamentos do Pai Celestial. Mais tarde, tornou-se um grande líder e apóstolo na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.



QUADRO ENIGMÁTICO

Judy Capener

Quem é capaz de descobrir neste quadro as seguintes figuras: tartaruga, sapo, macaco, cabeça de galinha, coelho, peixe, esquilo, caracol, espanador, ferradura, sino, pincel, anel de brilhante, sapato e dois passarinhos?



Quando eu tinha nove anos, papai e eu exploramos uma caverna à beira-mar. Assustada com a escuridão e os bichos rastejantes, pedi-lhe que levasse uma lanterna. Entretanto, ele se recusou, tomando minha mão e guiando-me para seu interior.

Uma vez lá dentro, ele me fez usar as mãos e os pés para explorar a areia do fundo e as paredes rochosas, antes de aventurar-me mais na densa escuridão. Depois, largou minha mão, mandando que fosse à frente, abrindo caminho. Senti-me tomada por um sentimento de solidão. Tremendo, as lágrimas caíndo incontroláveis, eu tinha vontade de voltar correndo para junto dele e enterrar minha cabeça em seus braços protetores. Mas como ele continuava parado, esperando que eu prosseguisse, eu fui adiante, procurando combater as lágrimas.

Continuei tropeçando com passos incertos até poder ver a luz da extremidade oposta da caverna. Então, senti-me invadida de coragem e autoconfiança, e enchi o ar com alardes de meu feito. Papai

apenas sorriu, depois mandou que voltasse novamente pela escuridão, só que desta vez sozinha.

Meu orgulho sumiu, e os lábios ficaram trêmulos, porém não iria recuar mais uma vez. Entrei na caverna, marcando os passos com lamentos de desgosto e sensação de abandono, por meu pai forçar-me a fazer tal caminhada. Contudo, logo venceu a curiosidade e comecei a explorar a caverna, usando os recursos e métodos que ele me havia ensinado. A excitação ao tocar e descobrir cada nova parede tateando pela caverna encheu-me de alegria. Senti-me encantada pela experiência de novas sensações. A caminhada terminou depressa demais, em pleno sol. Ali, sorrindo de orgulho, estava mamãe.

Como criança, a única lição que tirei da experiência foi que eu era

corajosa e conseguia atravessar uma caverna sozinha. Hoje, anos de experiência mostraram-me o propósito de papai naquela aventura.

A vida, às vezes, é como uma caverna escura. Você pode ficar de fora, sempre temeroso do desconhecido, ou então entrar, contando com sua própria capacidade para obter sucesso. Se você usar as pistas e indicações de outros exploradores, será capaz de encontrar o caminho, mesmo na escuridão. Aprenderá a não confiar apenas nas características superficiais notadas pela visão; antes, valer-se-á das impressões transmitidas por todos os seus sentidos. E bem lá no íntimo, terá sempre a certeza de que outro alguém seguiu na sua frente e espera por você no outro lado. Ele está sempre pronto para guiá-lo em suas proezas e estender a mão, quando você tropeçar.

A Caverna

Carla Worlund

A Irmã Worlund fala aqui de uma experiência ocorrida no Japão, quando ela era criança, e seu pai fazia parte das tropas de ocupação americanas.



Discurso proferido na sessão matutina de sexta-feira, 4 de outubro de 1974, da 144.ª Conferência Geral Semianual.

Bons Hábitos Aperfeiçoam o Caráter

Elder Delbert L. Stapley
do Conselho dos Doze



Meus caros irmãos e amigos: Na última conferência de junho, o presidente Spencer W. Kimball aconselhou aos jovens, líderes da juventude e a todos os membros da Igreja que fizessem um cuidadoso inventário de seus hábitos. “A mudança se opera”, disse ele, “substituindo os hábitos indesejáveis por hábitos bons.” Depois, acrescentou: “Vocês modelam seu caráter

e futuro por meio de bons pensamentos e ações.”

Quero falar da importância dos bons hábitos para o aperfeiçoamento do caráter.

O falecido presidente David O. McKay costumava citar um conhecido ditado: “Semeando nossos pensamentos, colhemos nossos atos; semeando nossos atos, colhemos nossos hábitos; semeando nossos hábitos, colhemos nosso caráter; semeando nosso caráter, colhemos nosso destino.” (C. A. Hall, *The Home Book of Quotations*, New York: Dodd, Mead & Company, 1935, pág. 845.)

Como santos dos últimos dias, o futuro que desejamos é uma vida motivada por bons pensamentos, expressa em boas obras e fundamentada na paz interior e determinação de agir corretamente. O destino almejado é uma herança nas mansões celestiais preparadas pelo Salvador para os filhos fiéis de Deus.

Não chegamos ao mundo com hábitos arraigados. Tampouco herdamos um caráter nobre. Como filhos de Deus, é-nos dado o privilégio e a oportunidade de escolhermos o caminho que queremos seguir na vida, os hábitos que desejamos formar.

Confúcio afirma que a natureza humana é sempre a mesma. São os hábitos que distinguem os homens.

Os bons hábitos não são adquiridos simplesmente com bons propósitos, embora o pensamento deva preceder a ação. Os bons hábitos são desenvolvidos na vida prática diária. O caráter não se forma nos grandes momentos de prova e infortúnio, apenas se torna aparente neles. Os hábitos que regem nossa vida e moldam nosso caráter são formados na rotina da vida costumadamente tão monótona, banal. Eles são adquiridos pela prática.

Salomão, o sábio, ensinava: “Instrui o menino no caminho que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele.” (Prov. 22:6.)

Os bons hábitos adquiridos pela educação na primeira infância formam o alicerce do futuro da criança e sustentá-la-ão mais tarde na vida. Pais, lembrem-se de que o Senhor nos deu certeza, por revelação, de que as crianças pequenas são incapazes de pecar, que estão vivas em Cristo e que o demônio não tem poder sobre elas, até que atinjam a idade de responsabilidade. Os primeiros oito anos de vida de uma criança são os melhores anos concedidos pelo Senhor aos pais para ensiná-la e instruí-la a formar bons hábitos e desenvolver um caráter nobre.

Esta é uma instrução dada por Brigham Young: “Digo aos nossos moços, sede fiéis, pois não sabeis o que vos espera, e abstenved-vos dos ... maus hábitos.” (*Journal of Discourses*, 11:118.) Esta

admoestação aplica-se tanto aos jovens como aos adultos.

Nem sempre podemos saber o que nos reserva o futuro, porém a conduta certa nos dá forças e segurança. Temos que organizar nossa vida de acordo com os princípios do Evangelho e pautar um rumo certo ao caminharmos para a vida eterna.

Na conduta de nossas vidas, aprendemos que os bons hábitos formadores do caráter são tudo. É por meio desse comportamento que colheremos a verdadeira substância e valor da vida. Nossa maneira de viver sobrepuja quaisquer palavras que professamos seguir.

Mahatma Gandhi dizia: “O propósito do homem é conquistar todos os hábitos, vencer o mal dentro de si e recolocar o bem no seu devido lugar.”

A maneira aceitável de viver aos povos do mundo nem sempre é aceitável aos olhos de Deus. Seus padrões, todavia, são para todos. Eles não mudam; apontam resoluta e continuamente a maneira de viver certa para seus filhos.

Deveríamos comportar-nos sabiamente diante de Deus e não pecar. Deveríamos não ceder à persuasão dos homens mal-intencionados.

Os maus hábitos são um reflexo de nossos pensamentos e personalidade, nosso comportamento e conduta. Eles degradam as sublimes qualidades que são nossos dotes espirituais de fé, honestidade, honradez e retidão recebidos de Deus.

Alguém observou: “Quando um homem se vangloria de seus maus hábitos, podeis estar certos de que são o melhor que possui.”

Léhi, um antigo profeta americano, falando ao seu povo, disse: “Os homens foram ensinados suficientemente para distinguir o bem do mal.” (2 Néfi 2:5.)

Temos duas opções nesta vida mortal — o bem, que é o desejo de nosso Pai Celestial; ou então o mal, que é o plano e intento constante de Satanás.

As tendências malignas destroem o caráter e arruinam a vida. Quando cedemos ao pecado pela primeira vez, a resistência, autocontrole e caráter são enfraquecidos, resultando geralmente em novas transgressões. Pela violação das leis espirituais e rejeição das qualidades espirituais, reduzimos nossa capacidade de resistência. Eventualmente parecemos perder por completo o controle da nossa capacidade de resistir ao mal. Imaginem a angústia sofrida por uma pessoa que pratica um vício há tanto tempo, que o abomina, mas ao mesmo tempo se apega a ele.

O grande desafio é aprendermos a controlar o próprio eu. Temos que aprender por nós mesmos e agir por nós mesmos, tendo o cuidado em não seguir aqueles que não são divinamente guiados. Temos a responsabilidade de frustrar a obra do maligno — não ajudar ou perpetuar sua causa cedendo às suas tentações.

Os hábitos podem ser modificados e melhorados, pois diz o Senhor: “Pois neles (os homens) está o poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros.” (D&C 58:28)

Ninguém poderá dizer honestamente estar tão preso aos seus maus hábitos, pecados ou fraquezas que não pode largá-los e arrepender-se. A vontade humana tende naturalmente para o bem. Nós somos filhos de Deus e temos dentro de nós o poder de vencer todas as coisas más.

Diz um antigo provérbio que os bons hábitos nascem da resistência à tentação. Esta resistência muitas vezes assume o caráter de luta constante. Quando maus hábitos se tornam parte de nossa vida e de-

sejamos livrar-nos deles, devemos buscar ajuda espiritual.

O Senhor pode-nos dar forças para vencer, e o fará, desde que lho roguemos sinceramente. Diz um de nossos hinos sagrados:

Unido a ti, Senhor,

Pecado e tentação, inspiram-me horror

.....
Ensina-me a viver em santa retidão

.....
Sem ti a vida é vã — Sou pobre sem Jesus.

Hinos, n.º 61

Achegamo-nos ao Salvador, quando guardamos fielmente seus mandamentos e leis. Temos um Pai bondoso, benevolente, amoroso nos céus, sempre pronto a nos ajudar. O autodomínio, autocontrole e autodisciplina são requisitos que nos capacitam a vencer as tentações de pecar. É uma sensação maravilhosa vencer maus hábitos, sentir-se livre e desembaraçado de seus efeitos prejudiciais, tanto físicos como espirituais. Quando vencemos nossos maus hábitos e os substituímos por bons, vivendo como devemos, obedientes e fiéis, então estamos no caminho que leva à presença de Deus.

Deveríamos estar tão envolvidos em adquirir boas qualidades e na participação de atividades aperfeiçoadoras do caráter, que não nos reste tempo para qualquer coisa inútil ou prejudicial. Nossos hábitos devem ser de molde a tornarmos suscetíveis à fé e ao testemunho.

Um dos melhores hábitos que podemos cultivar é ler as Escrituras, a fim de estarmos cientes de nossas responsabilidades. Conhecendo e guardando os mandamentos de Deus, desenvolvemos os dotes de



retidão que se constituem uma expressão de nossa fé. Por meio dos bons hábitos, preparamo-nos para a excelência.

Devemos perguntar a nós mesmos: “Será que meus atuais pensamentos e atos são dignos da vida eterna? Estou visando metas eternas e trabalhando para alcançá-las?” Tudo o que não atinja nosso potencial máximo, não é o bastante, especialmente no serviço do Senhor.

O Senhor aconselhou-nos a que nos arrependêssemos e andássemos em retidão diante dele. **Retidão** implica um estrito apego aos princípios morais e sinceridade de propósito. Somos instruídos a fazer de nosso lar uma habitação de justiça e honra. Honra é uma palavra quase ultrapassada no mundo de hoje; ela encerra dever, responsabilidade e respeito aos valores eternos. Sugere igualmente um firme respeito aos códigos do bom comportamento e a orientação de um elevado senso de mordomia.

Ousemos ser diferentes dos caminhos do mundo, quando estes não forem os caminhos de Deus. Neste mundo assolado por ganância egoísta, desonestidade e desonra, enveredemos por um caminho mais elevado, esforçando-nos em desenvolver e vitalizar as qualidades do servir abnegadamente

com sincero empenho, lealdade, honradez, moralidade e qualquer outro atributo que nos leve à integridade de caráter. Então começaremos pelos pensamentos e terminaremos no nosso destino eterno. Nosso destino é determinado por nosso caráter, e o nosso caráter é a soma e expressão de nossos hábitos. Adquirimos o caráter trabalhando arduamente.

Falando aos estudantes da Universidade Brigham Young, disse Ernest L. Wilkinson: “Caráter... não é algo para ser adquirido com facilidade e indolência, ou segundo as conveniências sociais. Não se pode obtê-lo por contágio ou por procuração ou em hasta pública. É uma recompensa resultante da labuta honesta para vencer dificuldades. Nós crescemos vencendo obstáculos que outros consideram impossíveis.”

Sim, o caráter requerido para se alcançar a vida eterna precisa ser moldado nesta vida, utilizando-se os bons hábitos como matéria-prima. Quando as qualidades desejáveis no indivíduo se tornam universais no povo de uma nação, esta também terá caráter. A bondade, seja numa pessoa ou numa nação, não é a simples ausência de maldade. É amor e prática de todas as coisas que são verdadeiras, honestas, amáveis e de boa reputação.

Estabeleçamos metas elevadas para nós mesmos e trabalhemos para atingi-las, fazendo de Deus o centro de nossa vida. Ele é a fonte de toda verdade, justiça e paz. Lembremo-nos de que as leis de Deus são eternas. Elas não mudam. Não existe código moral ou espiritual que admita conduta permissiva ou tolere a escolha de hábitos maus ou perniciosos como uma forma prazerosa de viver. O homem pode arrogar-se o direito de alterar os caminhos de Deus mas o Senhor continua o mesmo ontem, hoje e sempre. Os padrões e verdades de Deus para o seu povo sempre apontarão o verdadeiro caminho da vida a todos os seus filhos.

Manter bons hábitos pessoais que sejam agradáveis ao Pai Celestial fortalecerá nosso caráter, aumentará nossa influência benéfica, melhorará nosso exemplo, beneficiará nossos entes queridos e amigos, enriquecerá nossa vida e nos capacitará a realizar as coisas que trazem a genuína satisfação pessoal e criam paz e felicidade em nossos corações. Teremos alegria eterna, possuindo um tesouro muito cobiçado e desejado, pois o Senhor garantiu-nos que “se os homens fizerem o bem, de modo nenhum deixarão de receber a sua recompensa”. (D&C 58:28)

Tudo começa com um único passo — decidiremos que **somos capazes de fazê-lo.**

Possamos abandonar todo o mal e dar esse primeiro passo, a fim de moldar nossas vidas para a eternidade através de bons hábitos e justos padrões de bom caráter.

Presto solene testemunho do valor dos bons hábitos e caráter louvável na vida do povo. O conselho de nosso amado profeta, o Presidente Spencer W. Kimball, citado no princípio, é deveras sábio, oportuno e necessário de seguirmos. Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Discurso proferido na sessão matutina de sexta-feira, 4 de outubro de 1974, da 144.^a Conferência Geral Semianual.

“Quando te Converteres, Confirma teus Irmãos”

A mensagem do Senhor a Pedro é dirigida igualmente a todos os que trabalham na edificação do reino.

Elder L. Tom Perry,
do Conselho dos Doze



Recentemente tive a oportunidade de voltar aos bancos escolares, pelo menos durante cinco dias, pois fui convidado a participar de um curso de processamento de dados. Depois da costumeira tentativa de reajustar-me às condições de uma sala de aula, fui cativado pelas últimas maravilhas engendradas pelo ser humano. Fiquei intrigado com um instrutor que, calcando uns poucos símbolos num teclado,

tinha acesso a um arquivo situado a cinco mil quilômetros de distância. Em apenas cinco segundos, lá estava a resposta numa tela visual.

Fomos apresentados a uma impressora compacta tipo consolo, não aquela grande de alta velocidade. Esta era externamente bastante parecida com as normalmente oferecidas no mercado atual, exceto pelo fato de ser muito mais eficiente do que qualquer outra que tive oportunidade de ver. Posta em funcionamento, ela começou a operar normalmente, imprimindo da esquerda para a direita; mas depois, para economizar tempo, ela simplesmente passava a imprimir a linha seguinte de trás para diante, da direita para a esquerda. Fiquei assombrado com sua velocidade, exatidão e notável aperfeiçoamento conseguido, em comparação com os modelos anteriores.

Examinando essa última conquista tecnológica da humanidade, meus

pensamentos remontaram ao meu primeiro contato com uma máquina de escritório, quando tinha uns cinco ou seis anos de idade — uma velha máquina manual de somar que papai usava em suas funções clericais como bispo. Refleti então sobre a maravilhosa evolução ocorrida no espaço de uma vida, para falar apenas no campo dos equipamentos burocráticos.

Pelo breve momento em que revi mentalmente nosso progresso, senti um impulso urgente de olhar o futuro, imaginando quantas conquistas tecnológicas ainda estão para se realizar. E mais uma vez senti-me assombrado com a arquitetura do Senhor ao contemplar seus processos criativos. Ele supriu-nos de toda matéria-prima para satisfação de nossas necessidades, desde o princípio, a criação, até o final, a celestialização da terra.

É em momento como esse que me lembro daquela grandiosa passagem das Escrituras, citada por nosso profeta esta manhã:

“Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam.” (Salmos 24:1)

Sempre me interessou notar que, quando o Senhor fala nas Escrituras sobre retidão, o ouvimos anunciar abundância, plenitude, prosperidade. Escassez e carência não são coisas dele, mas provocadas pelo homem por causa de sua desobediência às instruções originais: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeita-a; e domina[-a]...” (Gên. 1:28)

Agora, para aumentar ao máximo nosso potencial, desde o início, ele nos deu diretrizes de conduta para nossa permanência na terra como mortais. Em primeiro lugar, pediu que o amássemos acreditando em suas palavras, e em segundo, que amássemos nossos semelhantes o bastante para fazer com

que o conheçam e tenham testemunho dele. Quando desafiado pelo doutor da lei com a pergunta: "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?", Cristo respondeu:

"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

"Este é o primeiro e grande mandamento.

"E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

"Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas." (Mat. 22:36-40)

Esta réplica do Salvador dá-nos conhecimento dos dois mandamentos fundamentais. Gostaria de reafirmá-los aos irmãos, para que possamos apreciá-los e entendê-los melhor.

O primeiro pode ser ilustrado por um incidente ocorrido entre um pai e seu filho, conforme consta no Livro de Mórmon. Alma era um sumo-sacerdote de seu povo e viveu no continente americano menos de cento e cinqüenta anos antes do tempo de Cristo. Ele deve ter sido um pai que devotara um grande amor ao filho, pois deu-lhe seu próprio nome. Todavia, quando Alma, o filho, se tornou adulto, abandonou os ensinamentos do pai. Dizem as Escrituras: "... tornou-se um homem malvado e idólatra. Era um homem bem falante e dizia muitas palavras lisonjeiras ao povo, através do que fez com que muitos imitassem suas iniquidades." (Mosiah 27:8)

Depois de haver tentado tudo para ver se mudava os caminhos do filho, sem resultado algum, Alma recorreu ao Senhor, rogando-lhe que desse ao filho um sinal para que este compreendesse quão errado andava e visse o rumo certo

a seguir. Então se deu um evento extraordinário na vida de Alma, o filho, pois apareceu-lhe um anjo para chamá-lo ao arrependimento.

Terminada a sublime visão, Alma caiu por terra de tão grande que era seu assombro. Ficou mudo, sem poder falar, e tão fraco, que não conseguia manter-se de pé. Seus companheiros carregaram-no e o depuseram desmaiado aos pés do pai. E seu pai regozijou-se com o acontecido, pois sabia ter sido o poder de Deus. Fez reunir os sacerdotes, pedindo-lhes que orassem e jejuassem com ele durante dois dias e duas noites, a fim de que Alma se recuperasse. Suas orações foram atendidas; Alma recobrou as forças e, levantando-se, começou a falar, dizendo que não se preocupassem mais com ele:

"... arrependi-me de meus pecados e o Senhor me redimiu; e eis que nasci do Espírito.

"E o Senhor disse-me: Não te admireis de que a humanidade, sim, homens e mulheres, todas as nações, famílias, línguas e povos, tenham que nascer outra vez; sim, nascer de Deus, ser mudados de seu estado carnal e decaído a um estado de justiça, e redimidos por Deus, tornando-se seus filhos e filhas;

"E tornam-se assim novas criaturas; e, se assim não fizerem, não poderão de modo algum herdar o reino de Deus." (Mosiah 27:24-26)

As palavras de Alma tornam-se para cada um de nós um testemunho do que precisa acontecer em nossa vida se quisermos ter a compensadora, satisfatória experiência de nos convertermos aos caminhos do Senhor.

Agora, a conversão não é o fim, mas o começo de uma nova maneira de viver. Permitam-me mais uma vez usar de outro exemplo de ca-

ráter forte das Escrituras para ilustrar o segundo grande mandamento que deve seguir a conversão. O Novo Testamento fala-nos de um dos primeiros seguidores de Jesus durante seu ministério terreno. Diz a Escritura:

"E Jesus, andando junto ao mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores.

"E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.

"Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no." (Mateus 4:18-20)

Pois bem, para Pedro, a pesca representava sua riqueza ou seu meio de ganhar as coisas do mundo. Notem que, logo de início, pediu-se a Pedro que optasse entre as coisas do mundo e as exigências de Deus. Pedro teve uma oportunidade de converter-se como poucos homens tiveram igual na terra, devido ao seu convívio com o Salvador. As Escrituras contam o grande testemunho que recebeu, quando ele, junto com Tiago e João, foi conduzido a um alto monte, isolado do resto do mundo: "E [o Salvador] transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e os seus vestidos se tornaram brancos como a luz." (Mateus 17:2)

Mas, mesmo após tão notável testemunho, vemos o Salvador lembrando a Pedro constantemente seus compromissos e responsabilidades:

"Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo;

"Mas eu roguei por ti, para que

a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.” (Lucas 22:31-32)

Pedro teve então o privilégio de testemunhar a maior de todas as manifestações do Salvador para a humanidade, pois presenciou o tormento da crucificação e depois pôde ver o Senhor ressurrecto. Mas ainda depois do privilégio de testemunhar a ressurreição, Pedro parecia não ter conseguido captar o verdadeiro sentido da sua conversão. Após a gloriosa experiência de ver o Salvador ressurrecto, quando os discípulos ficaram sozinhos depois da ascensão do Salvador, a princípio Pedro pensou em voltar às coisas do mundo, e disse aos que estavam com ele:

“... Vou pescar. Dizem-lhe eles: Também nós vamos contigo. Foram, e subiram logo para o barco, e naquela noite nada apanharam.

“E, sendo já manhã, Jesus se apresentou na praia, mas os discípulos não conheceram que era Jesus.

“Disse-lhes, pois, Jesus: Filhos, tendes alguma coisa de comer? Responderam-lhe: Não.

“E ele lhes disse: Lançai a rede para a banda direita do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam tirar, pela multidão dos peixes.” (João 21:3-6)

Aquí o Senhor ensina a Pedro uma grande lição. As coisas de Deus estão acima das coisas do homem. O Senhor tinha poder para supri-los de peixes, as coisas do mundo, mas elas são secundárias para a sua obra.

Então, finalmente, depois de haverem jantado juntos, Pedro aprende o significado da grande missão do Salvador:

“... disse Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, amas-me

mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeiros.” (João 21:15)

Depois de repetida a pergunta uma segunda e terceira vez, Pedro, sentindo-se magoado, replica ao me impressionou é a história de John Taylor.

O Irmão Taylor e sua família tiveram seu primeiro contato com o Evangelho em Toronto, Canadá, por intermédio do Élder Parley P. Pratt, em abril de 1836. Naquela época, John Taylor trabalhava como ministro religioso e investigou os ensinamentos de Parley P. Senhor: “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo. Jesus disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas.” (João 21:17)

Finalmente, Pedro entendeu: “quando te converteres” — uma condição implicando a responsabilidade de fazer algo com essa conversão, apascentar as ovelhas do Senhor. O real valor de nosso compromisso assumido através da conversão é quando o traduzimos em ação, quando o fato de conhecer o Senhor resulta em alguma coisa.

Na vida de muitos dos grandes líderes da Igreja nesta dispensação, temos visto esse processo de conversão traduzido no grande desejo de fortalecer a vida dos irmãos. Um exemplo destes que sempre Pratt com o máximo cuidado. Anotou por escrito oito sermões feitos pelo Élder Pratt, comparando-os depois com a Bíblia, a fim de verificar se encontrava alguma coisa contrária às Escrituras. Durante três semanas, dedicou-se exclusivamente a investigar a Igreja, ao fim das quais se sentiu satisfeito e foi batizado.

Cerca de um ano mais tarde, John Taylor visitou Kirtland, Ohio.

A cidade encontrava-se anuviada pela sombra da apostasia e, lamentavelmente, ao retornar do Canadá, Parley P. Pratt deixou-se influenciar pelos dissidentes. Por isso, tentou mostrar ao Irmão Taylor por que achava que o Profeta Joseph Smith estava errado, ao que John Taylor replicou firmemente:

“— Estou surpreso de ouvi-lo falar assim, irmão Parley. Antes de partir do Canadá, o irmão prestou vigoroso testemunho de que Joseph Smith era um profeta de Deus, e da autenticidade da obra que ele iniciou; e disse que sabia essas coisas por revelação e pelo dom do Espírito Santo. Exortou-me estritamente a não acreditar se o próprio irmão ou um anjo dos céus me declarasse outra coisa qualquer. Agora, irmão Pratt, não é ao homem que estou seguindo, mas ao Senhor. Os princípios que me ensinaram conduziram-me a ele, e agora tenho o mesmo testemunho no qual o irmão se regozijava antes. Se a obra era verdadeira seis meses atrás, ela continua verdadeira hoje; se Joseph Smith era um profeta então, continua sendo profeta hoje. (B. H. Roberts, *The Life of John Taylor* [Salt Lake City; Bookcraft, 1963] pp. 39-40)”

Parley Pratt compreendeu seu erro, foi fortalecido e procurou o Profeta Joseph com lágrimas nos olhos para pedir perdão e confirmar sua fidelidade ao líder-profeta da Igreja. As palavras do convertido John Taylor tiveram um efeito inspirador na vida do Irmão Parley P. Pratt.

“Quando te converteres, confirma teus irmãos.” (Lucas 22:32) Toda a abundância, plenitude e prosperidade da terra foram-nos dadas por Deus para serem gozadas em retidão. Em troca, ele es-

pera que o amemos; que nos convertamos a ele e seus caminhos, e apascentemos suas ovelhas; que nos multipliquemos, e frutifiquemos e fortaleçamos nossos irmãos. Oro que todos nós consigamos captar o verdadeiro sentido da conversão e concentremos nosso esforço na edificação do reino de

Deus aqui na terra; que possamos ser comparados a Alma, Pedro, ou ao Presidente John Taylor e outros grandes profetas e líderes da Igreja em todas as dispensações do tempo, que tiveram a visão dessa maravilhosa obra e dedicaram a vida inteira aos seus propósitos.

Quero somar meu testemunho

nesta conferência de que Deus vive, que Jesus é o Salvador do mundo, que Spencer W. Kimball, que dirige esta sessão da conferência, é um profeta. Pensem nisso — um profeta do Senhor aqui na terra hoje! Quero prestar este testemunho de que eu o sei, em nome de Jesus Cristo. Amém.



Discurso proferido na sessão matutina de domingo, 6 de outubro de 1974, da 144.^a Conferência Geral Semianual.

Minha Galeria da Fama

A confiança inabalável num Pai Celestial onisciente faz de muitos homens e mulheres heróis e heroínas.

Elder Thomas S. Monson,
do Conselho dos Doze



Presidente Kimball, ao se aproximar célere o fim desta conferência, as palavras do Apóstolo Pedro parecem refletir os sentimentos de cada pessoa aqui presente, ou que nos acompanhou pelo rádio ou televisão.

Depois da experiência vivida no Monte da Transfiguração, Pedro dizia a Jesus: "Senhor, é bom estarmos aqui." (Mat. 17:4) Presidente Kimball, é bom termos todos estado aqui.

Rogo que o mesmo doce espírito que aqui reina esteja comigo, enquanto aproveito a oportunidade de falar-lhes.

Num claro dia de inverno, eu percorria de carro com um amigo a via expressa que liga o centro de Manhattan, Nova York, com o subúrbio de Westchester. Ele ia-me apontando os diversos locais históricos que abundam nessa área em que o homem cortou indiscriminadamente os caminhos da história com a faixa de suas auto-estradas.

Subitamente surgiu, como um velho amigo, o **Yankee Stadium**. Ali estava ele — o estádio dos campeões, o lar dos heróis de basebol de minha juventude. Na verdade, qual o rapaz que não idolatrou aqueles homens que, aplaudidos por milhares de torcedores, se destacam soberbamente no jogo de basebol?

Sendo inverno, o estacionamento em torno do estádio estava deserto. Nenhum torcedor, vendedor de amendoim, vendedor de entradas. Porém, continuavam presentes

as lembranças dos grandes jogadores como Babe Ruth, Lou Gehrig e Joe DiMaggio. O registro de suas proezas e perícia está assegurado para sempre — eles foram eleitos para a prestigiosa Galeria da Fama do Basebol.

Na vida, acontece o mesmo que no basebol. Lá no fundo de nossa consciência, cada um de nós tem uma galeria particular da fama reservada exclusivamente aos autênticos líderes que influenciaram o rumo de nossa vida. Relativamente poucos dos muitos homens que possuem autoridade sobre nós desde a infância até a idade adulta, passam pelo nosso teste para entrar nessa lista honrosa. Esse escrutínio tem muito pouco a ver com os atavios exteriores do poder ou abundância de posses mundanas. Os líderes que admitimos nesse nosso santuário particular são geralmente aqueles que conseguiram inflamar em nosso coração a chama do devotamento à verdade, que fazem a obediência ao dever mostrar-se como a essência da hombridade, que transformam alguma ocorrência

rotineira numa visão da pessoa a que aspiramos ser.

Por um momento, quem sabe podemos transformar-nos no único juiz pelo qual terá de passar cada candidato à galeria da fama. A quem escolheriam para a posição de destaque? Quem eu escolheria? Os candidatos são muitos — a competição acirrada.

Eu indico para a Galeria da Fama o nome de Adão, o primeiro homem que viveu na terra. Sua citação vem de Moisés: “E Adão foi obediente aos mandamentos do Senhor.” (Moisés 5:5) Adão está aprovado.

Por sua paciente perseverança,

merece ser escolhido um homem perfeito e justo, de nome Jó. Embora provado como nenhum outro, ele declarou: “Eis que também agora está minha testemunha nos céus e o meu fiador nas alturas.

“Os meus amigos são os que zombam de mim; os meus olhos se desfazem em lágrimas diante de Deus.” (Jó 16:19-20) “... eu sei que meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.” (Jó 19:25) Jó está aprovado.

Todo cristão escolheria um homem chamado Saulo, mais conhecido como Paulo, o apóstolo. Seus sermões são como maná para o espírito, sua vida um exemplo de serviço abnegado ao próximo. Esse

intrépido missionário declarou ao mundo: “Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação.” (Rom. 1:16) Paulo está aprovado.

Depois, há um homem chamado Simão Pedro, cujo testemunho comove o coração:

“E, chegando Jesus às portas de Cesaréia de Filipo, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem?

“E eles disseram: Uns João Batista, outros Elias e outros Jeremias ou um dos profetas.

“Disse-lhes ele: E vós, quem dizeis que eu sou?

“E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.” (Mat. 16:13-16) Pedro está aprovado.

Vindo de outro tempo e lugar, recordamos o testemunho de Néfi:

“Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7) Sem dúvida, Néfi merece um lugar na Galeria da Fama.

Ainda existe mais um que eu gostaria de propor — o Profeta Joseph Smith. Sua fé, confiança, seu testemunho transparecem em suas próprias palavras, proferidas quando a caminho da Cadeia de Carthage e inevitável martírio: “Eu vou como o cordeiro ao matadouro; mas estou calmo como uma manhã de verão; para com Deus e os homens, tenho a consciência limpa.”

(D&C 135:4) Ele selou seu testemunho com o próprio sangue. Joseph Smith está aprovado.

Depois de escolhidos os heróis, indiquemos igualmente algumas heroínas. Primeiro, aquele nobre exemplo de fidelidade — Rute. Percebendo a dor de coração da sogra pela perda de seus dois excelentes filhos, e sentindo, quem sabe, as angústias do desespero e solidão que afligiam a alma de



Noemi, Rute proferiu o que se tornaria a clássica declaração de lealdade: "Não me instes para que te deixe, e me afaste de ao pé de ti; porque aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares à noite ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus." (Rute 1:16 A conduta de Rute provou a sinceridade de suas palavras. Existe um lugar reservado para o nome dela na Galeria da Fama.

Porventura não merece indicação mais uma descendente da nobre Rute? Refiro-me a Maria de Nazaré, esposa de José, destinada a vir a ser a mãe do único homem sem mácula que viveu na terra. A aceitação desse papel sagrado e histórico é uma prova de humildade. "Disse então Maria: Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra." (Lucas 1:38) Maria certamente está aprovada.

Nós poderíamos perguntar: O que faz desses homens e mulheres heróis e heroínas? Eu respondo: A confiança inabalável num Pai Celestial onisciente e um firme testemunho da missão do divino Salvador. Esse conhecimento é como um fio de ouro entrelaçando-se na tapeçaria de suas vidas.

Quem seria esse Rei de Glória, mesmo Redentor, ao qual serviram com fidelidade e pelo qual morreram corajosamente esses heróis e heroínas? É Jesus Cristo, o Filho de Deus, o nosso Salvador.

Seu nascimento foi predito pelos profetas; anjos proclamaram o anúncio de seu ministério terreno. Aos pastores no campo foi feita a gloriosa proclamação:

"Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo;

"Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor." (Lucas 2:10-11)

Este mesmo Jesus "crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele". (Lucas 2:40) Batizado por João, no rio conhecido

como Jordão, ele iniciou seu ministério oficial junto aos homens. Jesus deu as costas aos sofismas de Satanás. Voltou-se ao dever que lhe fora designado pelo Pai, dedicando-lhe seu coração e entregando por ele sua vida. E como foi impoluta, abnegada, nobre e divina essa vida. Jesus trabalhou. Jesus amou. Jesus serviu. Jesus chorou. Jesus curou. Jesus ensinou. Jesus testificou. E na amarga cruz, Jesus expirou. De um sepulcro emprestado, Jesus ressurgiu para a vida eterna.

O nome — Jesus de Nazaré — o único nome dado entre os homens debaixo dos céus pelo qual devemos ser salvos, ocupa um lugar único de honrosa distinção em nossa Galeria da Fama.

Alguém poderá perguntar: Mas qual é o valor dessa lista de ilustres heróis, mesmo em se tratando de uma Galeria particular da Fama? Eu respondo. Quando somos obedientes como Adão, pacientes como Jó, ensinamos como Paulo, testificamos como Pedro, servimos como Néfi, esquecemos de nós mesmos como o Profeta Joseph, somos sensíveis como Rute, honrados como Maria e vivemos como viveu Cristo, então nascemos de novo. Todo o poder se torna nosso. O velho eu é lançado fora para sempre e junto com ele os malogros, desespero, dúvidas e descrença. Alcançamos uma novidade de vida — uma vida de fé, esperança, bravura e alegria. Nenhuma tarefa nos assusta com seu tamanho. Nenhuma responsabilidade pesa demais. Nenhum dever é um fardo. Todas as coisas tornam-se possíveis.

Em nossa busca de um exemplo, não precisamos necessariamente remontar a tempos passados ou vultos que viveram há muito. Permitam-me ilustrar. Atualmente Craig Sudbury preside uma ala aqui na Cidade do Lago Salgado; mas voltamos para uns poucos anos atrás, quando certo dia ele e sua mãe foram ao meu escritório pouco antes da sua partida para a Missão Austrália-Melbourne. Fred, pai de Craig, fez-se notar pela ausência. Vinte e cinco anos atrás, a mãe de

Craig casara-se com Fred, que não compartilhava seu amor pela Igreja, na verdade nem pertencia a ela.

Craig confiou-me seu profundo amor pelos pais e sua íntima esperança de que algum dia, de alguma forma, seu pai seria tocado pelo Espírito e abriria o coração ao Evangelho de Jesus Cristo. Rogou-me sinceramente que lhe desse uma sugestão. Orei por inspiração a respeito de como esse desejo poderia realizar-se. A inspiração veio, e eu disse ao Craig: "Sirva o Senhor de todo o coração. Seja obediente ao seu sagrado chamado. Escreva para casa todas as semanas e, ocasionalmente, dirija uma carta a seu pai, fazendo-o saber que o ama e dizendo-lhe por que é grato de ser seu filho."

Ele me agradeceu e deixou meu escritório em companhia da mãe. Não reví a mãe de Craig durante os dezoito meses seguintes. Então apareceu no meu escritório e em frases pontuadas por lágrimas, me contou: "Faz quase dois anos que Craig partiu para a missão. Sua dedicação ao trabalho qualificou-o para cargos de responsabilidade no campo missionário, e ele nunca deixou de escrever-nos uma carta todas as semanas. Recentemente meu marido se levantou, pela primeira vez, numa reunião de testemunhos e disse: "Todos vocês sabem que não sou membro da Igreja, porém algo aconteceu dentro de mim desde que Craig partiu para a missão. As cartas dele tocaram-me a alma. Posso compartilhar uma delas com vocês?"

"querido pai. Hoje ensinamos uma ótima família a respeito do plano de salvação e as bênçãos da exaltação ao reino celestial. Lembrei-me de nossa família. Mais do que tudo neste mundo, eu desejaria estar com o senhor e mamãe nesse reino. Para mim simplesmente não seria o reino celestial, se o senhor não estivesse lá. Sou grato por ser seu filho. Pai, quero que saiba que eu o amo. Seu filho missionário, Craig."

"Então Fred anunciou: 'Minha mulher não sabe o que planejo

dizer. Eu a amo e amo nosso filho Craig. Depois de estar casado vinte e seis anos, tomei a decisão de tornar-me membro da Igreja, pois sei que a mensagem do Evangelho é a palavra de Deus. Suponho que há muito eu sabia dessa verdade, porém a missão de meu filho induziu-me a agir. Fiz os arranjos necessários para minha esposa e eu encontrarmos com Craig, quando ele terminar sua missão. O meu será o último batismo dele como missionário de tempo integral do Senhor.’”

Um jovem missionário de fé inabalável havia participado com Deus num milagre moderno. O desafio de comunicar-se com a pessoa querida era dificultado pela barrei-

ra dos milhares de quilômetros que o separavam do pai. Mas o espírito do amor conseguira transpor a vastidão do Pacífico, e dois corações entenderam-se num diálogo divino.

Herói algum podia comparar-se a Craig, quando, na longínqua Austrália, ele estava de pé junto ao pai com água pela cintura e, elevando o braço em ângulo reto, repetiu as sagradas palavras: “Fred Sudbury, tendo sido comissionado por Jesus Cristo, eu te batizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.”

As preces de uma mulher, a fé possuída por um pai e o serviço de um filho realizaram o milagre de Deus. Mãe, pai, filho — todos eles fazem jus à Galeria da Fama.

Vivam eles e cada um de nós de maneira que mereçamos este pronunciamento divino:

“Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim.

“Grande será sua recompensa e eterna a sua glória.” (D&C 76:5-6)

Assim estará assegurado nosso lugar na eterna e infinita Galeria da Fama. Esta é minha sincera súplica ao prestar-lhes meu testemunho de que Jesus de Nazaré é o nosso Salvador e Redentor, mesmo nosso Advogado junto ao Pai. Em nome de Jesus Cristo, o Senhor. Amém.



Discurso proferido na sessão matutina de sábado, 5 de outubro de 1974, 144.^a Conferência Geral Semianual.

A mais Vital das Informações

Os testemunhos do Evangelho resultam de uma busca sincera; a salvação, da vivência do Evangelho.

Elder Robert L. Simpson
Assistente do Conselho dos Doze



Meus queridos irmãos, sou grato por esta oportunidade e pelo espírito dos testemunhos aqui prestados esta manhã.

Umás poucas semanas atrás, passando pelo aeroporto da Cidade do Lago Salgado, tive uma conversa de menos de cinco minutos com um moço, que me causou profunda impressão. Durante nosso breve contato, ele descobriu minha liga-

ção com a Igreja. Descobriu também que o bloco amarelo na minha mão serviria para anotar alguns pensamentos para o discurso que devia fazer na sessão da manhã de sábado da conferência geral.

Observei a ternura existente entre ele e a esposa e seus três filhos. E soube tratar-se de um homem de profunda sensibilidade espiritual. Mas, dispondo de apenas uns três ou quatro minutos para conversar, ao entrar no avião dei-me conta de que nem sequer sabia o nome dele ou seu endereço. Mas quero que saibam que grande parte do que vou falar esta manhã é para ele, porque sei que está escutando esta sessão da conferência.

Estamos aqui reunidos esta manhã na esperança de comunicarmos claramente a respeito do Senhor Jesus Cristo, pois seus preciosos ensinamentos incorporam a mais urgente, a mais importante e a mais vital de todas as informa-

ções referentes à felicidade final e destino eterno do homem.

Imploro sinceramente sua divina ajuda e diretriz, a fim de que o intento de meu coração não seja mal interpretado, e para que talvez nossa comunicação possa ser, como disse o Profeta Isaías: "Vinde então, e arguí-me." (Isaías 1: 18); e isto com o único propósito de que todos sejamos abençoados com mais abundância.

Ao compartilhar agora estes meus breves pensamentos, afirmo como o Apóstolo Paulo, quando se dirigiu aos santos de Roma:

"Estou pronto para... vos anunciar o Evangelho..."

"Porque não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação..."

Depois concluiu: "É o poder de Deus... para todo aquele que crê." (Rom. 1:15-16.)

E eu lhes prometo que o Espírito Santo está sempre pronto para prestar testemunho a todos os que buscam sinceramente a verdade, a fim de que possam reconhecê-la.

Certo ministro protestante, um tanto perturbado por perder alguns de seus paroquianos para a Igreja Mórmon, perguntou a um de nossos missionários:

— Por que vocês ficam fazendo proselitismo entre meu povo? São todos eles bons cristãos. Vocês deviam dedicar seu tempo com os povos ateus.

E a resposta foi:

— Se o senhor soubesse com absoluta certeza de que Deus, o Pai, e seu Filho Jesus Cristo apareceram pessoalmente e voltaram a falar nesta época da história do mundo, restaurando informações vitais e restaurando igualmente a verdadeira autoridade do Sacerdócio entre os homens, seria capaz de ficar calado?

Homem algum conseguiria; e o mesmo acontece aos dezoito mil moços e moças espalhados hoje em

dia pelo mundo, que procuram o singular privilégio de compartilhar com quantos se dispõem a escutá-los, que na verdade, Deus, o Pai, e seu Filho apareceram a um rapaz nesta nossa época, tudo em preparação para a segunda vinda do Senhor e Salvador, conforme foi predito pelos profetas.

Esses mesmos missionários proclamam ao mundo que, após a extraordinária visitação dos dois membros da Deidade, a autoridade do Sacerdócio foi restaurada na terra por meio de mensageiros celestiais. Quem mais estaria melhor qualificado do que João Batista para a honra de restaurar o Sacerdócio Aarônico, a autoridade de batizar por imersão? Pois não foi a ele que o Salvador procurou, quando sentiu a necessidade de dar o exemplo do batismo por imersão e

feito por alguém com a devida autoridade?

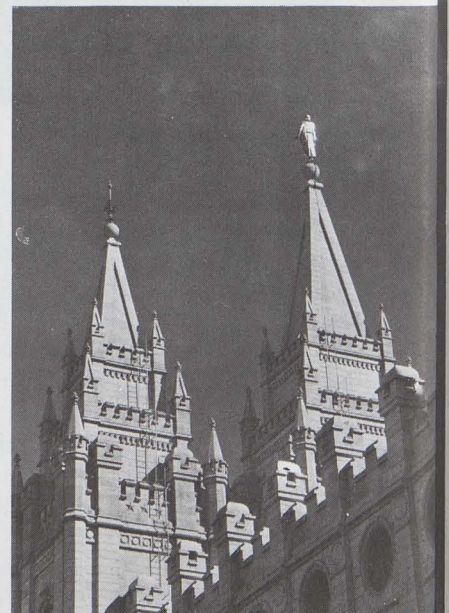
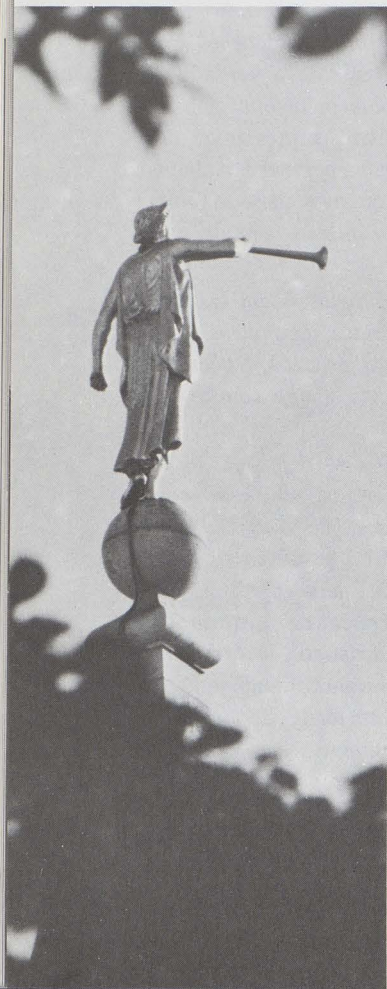
Quem mais, além dos apóstolos Pedro, Tiago e João, estaria mais qualificado para restaurar o Sacerdócio de Melquisedeque apenas umas poucas semanas mais tarde? Sim, os mesmos grandes apóstolos que andavam e falavam com o Salvador durante seu curto ministério, voltaram à terra com um propósito específico em nosso tempo.

Sim, com toda a seriedade de minh'alma, afirmo que a casa de Deus é uma casa de ordem. Seus santos propósitos não podem ser realizados ao capricho ou bel-prazer do homem; mas somente nesta igreja que leva seu nome, as sagradas ordenanças são realizadas pela devida autoridade. Concordamos com Paulo, quando diz que "ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, co-

mo Aarão". (Hebr. 5:4). A autoridade do Sacerdócio do Senhor Jesus Cristo foi restaurada por João Batista, e por Pedro, Tiago e João, na primavera de 1829.

Desde o restabelecimento da verdadeira igreja do Senhor, há cento e quarenta e quatro anos, existe entre os membros da Igreja a compulsão urgente de compartilhar com seus vizinhos, amigos e estranhos sua alegria interior. "Todo membro um missionário" tornou-se máxima na Igreja, conforme atestam milhares espalhados pelo mundo livre prestando testemunho, explicando a restauração e irradiando o Espírito de Cristo para todos os que queiram ouvi-los.

Palavras dificilmente conseguem comunicar a alegria e contentamento que acompanham a conversão à verdade, tudo isso possibilitado pelo milagre do perdão à medida que



o arrependimento aplaina o caminho para o batismo.

Quero convidá-los a participar de um rápido giro pelo mundo, olhando de relance um ou dois exemplos apenas do que acontece em toda parte, enquanto avança essa grande obra missionária dos últimos dias.

Em primeiro lugar, lembro-me de uma família de quatorze pessoas, no Pacífico Sul, cuja unidade se encontrava tão gravemente prejudicada devido à indiferença dos pais e conduta irresponsável, que quatro dos filhos mais velhos estavam internados em reformatórios e três dos menores em custódia em lares adotivos. Hoje encontrarão uma sólida unidade familiar dirigida por pais que têm objetivos, exercem disciplina apropriada e sentem profundo amor pelos filhos que foram selados a eles para a eternidade num templo de Deus. Os dois rapazes mais velhos são missionários de tempo integral, empenhados em levar a mesma esperança a muitos outros. E tudo aconteceu, porque um pai desesperado, com vontade de suicidar-se, deu ouvidos a dois moços, um de dezenove e outro de vinte anos, e acreditou no que lhe disseram.

Não faz muito tempo, ouvi o testemunho de um homem de cor que estava chegando ao fim de longa pena de prisão: "Encontrei a verdade atrás destas grades da prisão. Eu tinha uma porção de tempo para estudar e pensar. Agora meu único desejo é qualificar-me para o batismo, depois de haver pago minha dívida para com a sociedade, e então voltar para o Mississippi e contar à minha gente a respeito desta grande igreja."

Enquanto voávamos pelo Pacífico Sul, uma aeromoça perguntou-nos se éramos mórmons, depois de tomarmos o terceiro copo de leite. Ao ouvir nossa resposta afirmativa, ela disse, irradiando tal alegria, que

jamais havemos de esquecer: — Mal posso esperar chegar à Califórnia depois desta viagem, pois estou para receber a terceira aula dos missionários e já sei que é verdade.

Sim, ela foi batizada. Encontrou um moço com fé igual à dela. Hoje formam uma bela família. Estão no caminho certo.

Gostaria de apresentá-los a um jovem executivo de muito sucesso, que escreve: "Nossa família estava feita. Minha esposa e eu nos entendíamos bem, as três crianças eram bem ajustadas e então aconteceu. Jeff e Ângela começaram a freqüentar a Primária com os filhos do vizinho. A partir daí em todos os dias de Primária, a hora do jantar transformou-se numa reprodução instantânea do que acontecera. Como pais, mal conseguíamos acreditar nos grandes pensamentos e atitudes — sim, e um menino pequeno os guiará (Isaías 11:6) Bem, foi assim que começou, (conta ele) e agora, depois de dois anos como membros da verdadeira igreja do Senhor, estamos realmente feitos. Nossa família não sabia o que era a verdadeira união e felicidade familiar, até que o mormonismo entrou em nossa casa."

Uma senhora da América do Sul, intrigada com a sinceridade dos missionários mórmons, convidou-os a voltaram à noite para conhecer sua família. Infelizmente seu marido não compartilhava seus sentimentos, e os rapazes encontraram um bilhete na porta, mandando-os embora. Ela jejuou e orou para que o Senhor intercedesse. E sabem de uma coisa, exatamente umas seis semanas mais tarde, o marido contou-lhe a respeito de dois excelentes rapazes que havia conhecido no ônibus ao voltar para casa. Combinou para que compartilhassem sua mensagem com a família, e todos os seis foram batizados. Foi só então que a

esposa lhe contou que eram os mesmos dois rapazes que tentara apresentar-lhe antes. Sim, Deus às vezes escolhe caminhos misteriosos para realizar seus propósitos.

A maior parte das pessoas concordam que os mórmons são um povo feliz. Os mórmons são equilibrados, são um povo dedicado. Eles merecem confiança e são gente saudável. Ainda assim, posso ouvi-los comentar: "Ah, mas eu conheço um mórmon que faz isto e mais aquilo." O testemunho que lhes presto hoje é que, se conhecem algum mórmon que age errado, isto não acontece por causa dos seus ensinamentos religiosos. É a despeito dos seus ensinamentos religiosos, e esperamos sinceramente que se arrependa logo, pois a quem muito é dado, muito é pedido.

"Fazei prova de mim", diz o Senhor. Não importa que sua vida seja atormentada por graves problemas, ou se acham que "estão feitos", eu lhes afirmo com total confiança que só encontrarão genuína e duradoura realização para sua vida no Evangelho restaurado de Jesus Cristo.

Por que não usam a fórmula sugerida pelo próprio Salvador, para pôr à prova a veracidade desta igreja? Meu testemunho que lhes presto hoje é o mesmo que ele declarou a um grupo de críticos bem-intencionados há dois mil anos atrás:

"A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.

"Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:16-17.)

Declaro com todo amor e sinceridade, que sua vida eterna e a salvação de sua família dependem do que aconteceu na vida de Joseph Smith, o profeta de Deus. Que possam descobri-lo logo, é minha humilde prece em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na sessão vespertina de sexta-feira, 4 de outubro de 1974, da 144.^a Conferência Geral Semianual.

Poder Sobre Satanás

**Para resistir ao adversário,
procurem a companhia do
Espírito Santo.**

Elder ElRay L. Christiansen

Assistente do Conselho dos Doze



Sou grato, meus irmãos, pela verdade que tem sido revelada através dos profetas de Deus, tanto nas dispensações passadas como na atual. Somos abençoados com uma imensa verdade a respeito de nossa origem, nossa vida mortal e nosso destino.

As Escrituras nos ensinam que vivemos num mundo espiritual antes de nascermos na mortalidade. Isto quer dizer, nós vivíamos na presença de Deus que é, literalmente, o Pai de nossos espíritos.

Ao se realizar o grande conselho nos céus, ao qual todos nós estivemos presentes, o Pai apresentou seu plano de povoamento da terra e da salvação do homem. Lúcifer pretendeu alterar tal plano. Propôs destruir o arbítrio do homem e salvar toda a humanidade, de modo que nenhuma alma se perdesse. Isto ele conseguiria por meio unicamente da força e coação, negando a todos os homens o direito de escolha.

A proposta coercitiva de Satanás foi rejeitada pelo Pai, e Lúcifer “se irritou e não conservou seu primeiro estado; e... muitos o seguiram.” (Abraão 3:28.)

Nós certamente testemunhamos a trágica cena, quando Lúcifer — brilhante, capaz, porém carecendo de inteligência para aplicar proveitosamente seu conhecimento (junto com um terço das hostes celestes) — se levantou em odiosa rebelião contra Deus. E foram todos

expulsos do céu, conservando os poderes maléficos de tentar e persuadir os homens a desobedecerem a Deus.

O plano do Pai, aceito por Jeová, dava ao homem o direito de escolha, a fim de que, exercendo-o, se tornasse forte e progredisse em conhecimento, sabedoria e justiça, vencendo suas fraquezas e resistindo às tentações do pecado. Então Deus falou “...tomaremos destes materiais e faremos uma terra onde estes possam morar;

“E prová-los-emos com isto, para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar.” (Abr. 3:24-25.)

Agora, Deus disse ainda (e isto é de suma importância para todos nós):

“Portanto, por causa de Satanás ter-se rebelado contra mim e haver procurado destruir o livre-arbítrio do homem, que eu, o Senhor Deus, lhe tinha dado, e também, por querer que eu lhe desse meu próprio poder, fiz com que ele fosse expulso...”

“E ele se tornou Satanás, sim, o próprio diabo, o pai de todas as mentiras, para enganar e cegar os homens e levá-los cativos à sua vontade, mesmo a todos quantos não ouvirem minha voz.” (Moisés 4:3-4.)

Pois bem, a verdade é que Satanás vive! Na verdade, alguns chegaram a ver sua majestade satânica e forma espiritual.

O Presidente Harold B. Lee advertiu-nos a “não nos enganarmos quanto à sua existência real como personalidade, ainda que não possuía um corpo físico. Desde o princípio dos tempos, ele, com suas hostes... vêm travando implacável combate para destruir o livre arbí-

trio do homem". Os que ensinam que não existe nenhum demônio ou tacham-no personagem de ficção, destinada somente a amedrontar o povo, ou ignoram os fatos ou então estão eles próprios sendo iludidos.

Como Satanás opera? Quais são suas táticas? Valendo-se de seu conhecimento superior, seu extraordinário poder de persuasão, meias-verdades e mentiras totais, o maligno utiliza os filhos espirituais que o seguiram (que foram muitos) e mais os seres mortais que trilhavam os caminhos do mal, para travar sua guerra contra Jeová e seus seguidores; e, se puderem, nos induzirão ao criticismo e à rebelião contra Deus e sua obra. Assim ele destrói a alma dos homens.

As Escrituras declaram: "Satanás os incita, para poder conduzir suas almas à destruição." (D&C 10:22.)

"Sim, ele lhes diz: Enganei e ponde-vos de emboscada, para que possais destruir; pois eis que isso não é meu. . .

"E assim os ilude e conduz até poder arrastar as suas almas para o inferno; e assim os faz cair em suas próprias armadilhas.

"E assim vai e vem de lá para cá sobre a terra, procurando destruir as almas dos homens." (D&C 10:25-27.)

Agora, o adversário sabe que um pecadilho não continuará pecadilho, e procura levar todo mundo, indistintamente, para o seu reino, tentando-nos primeiro a dizer uma pequena mentira, depois ajudando-nos a procurar justificação para essa conduta ou então a enganar ou roubar. Algumas pessoas são induzidas a violar o dia do Sábado, até que isto se torne habitual para elas. Outros começam a tomar uns goles apenas para "relaxar um pouquinho". Igualmente o abuso de drogas, a maledicência, a desobe-

diência aos pais, ou a deslealdade para com o próprio companheiro — tudo isso são meios para os afastar do caminho certo. Ele sabe muito bem que, se repetidas, tais transgressões produzirão remorso, sofrimento e perdas, porque nos levam a pecados mais graves.

Uma das mais infames armadilhas utilizadas pelo adversário é, sem dúvida, a incontinência. O poder de trazer filhos ao mundo é conferido por Deus, e se ele for guardado e respeitado, resultará em felicidade e bênçãos imensuráveis. Porém, se for profanado e contaminado pelo uso ilícito, só trará tristeza, miséria e autocondenação.

Há poucos anos, a Primeira Presidência da Igreja emitiu uma advertência aos santos dos últimos dias e a todo o povo em geral, contra o hediondo pecado da incontinência, dizendo entre outras coisas:

"É doutrina desta Igreja que o pecado sexual — as relações ilícitas entre homem e mulher — vêm, quanto à sua gravidade, logo abaixo do assassinio. . . ninguém. . . escapará às punições e julgamentos que o Senhor estabeleceu contra esse pecado. O dia do ajuste de contas virá tão certo como a noite segue o dia." (Church News, 13 de fevereiro de 1952. pág. 16.)

Como, então, podemos resistir ao maligno? Em todas as suas maldades, o adversário não pode ir além do que o transgressor lhe permite; e nós podemos adquirir completo domínio para resistir aos males causados por Satanás, apegando-nos aos princípios do Evangelho de Jesus Cristo. Os membros da Igreja podem ter a bênção do Espírito Santo, o inspirador, também como companheiro, e quando o Espírito Santo está realmente conosco, Satanás é obrigado a manter-se longe de nós. Estudar as Escrituras, orar, viver fielmente os

mandamentos do Senhor, cumprir seus deveres e obrigações eclesíasticas, ser um bom vizinho e usar o inspirado programa de reuniões familiares pode fornecer a base para termos o Espírito Santo como companheiro e protetor constante, o que resultará em paz e felicidade.

Tremo ao pensar em como os filhos de Deus estão sendo tentados hoje em dia, particularmente a juventude; todavia, temos confiança neles. Eles são espíritos escolhidos, porém precisam dar-se conta de que Jesus, e não Satanás, é seu melhor amigo; que só se alcança a felicidade pela obediência aos mandamentos de Deus. Nós temos que ajudá-los a se prepararem e atingir seu destino divino. Entretanto, se caírem nas ciladas de Satanás, os pais, líderes do Sacerdócio e professores têm que ajudá-los a sair das armadilhas para um plano mais elevado, através do processo do arrependimento.

Recentemente nosso querido presidente, Spencer W. Kimball, dirigindo-se a uma multidão de jovens, assegurou-lhes que o conhecimento da existência, do poder e dos planos de Satanás — somado a um vibrante e imperioso testemunho de Deus e do Evangelho e planos de nosso Pai dados através de Jesus Cristo, seu filho, e dos profetas vivos — pode ajudá-los a realizar feitos inéditos e que poderão afetar a vida deles eternamente.

Sim, meus irmãos, Satanás vive. Ele é real. É astuto. Mas podem estar seguros de que Deus, nosso Pai Celestial, reina sobre todos e é misericordioso e magnânimo com aqueles que o buscam com sinceridade.

E todo homem recebe a recompensa daquele a quem escuta para obedecer. (Vide Alma 3:27.) Isto eu testifico em nome de Jesus Cristo. Amém.

As Conferências Gerais da América do Sul

Larry Hiller

Os principais fatos das conferências gerais de área da América do Sul podem ser narrados em apenas algumas frases. Nos dias 28 de fevereiro e 1.º e 2 de março, realizou-se uma conferência em São Paulo para os membros da Igreja no Brasil. E em 7, 8 e 9 de março, uma conferência para os membros da Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai foi realizada em Buenos Aires.

O programa de ambas as conferências foi o mesmo: Na noite de sexta-feira, os membros apresentaram um espetáculo de músicas e danças que descreveu os costumes locais. As sessões gerais foram rea-

lizadas no sábado e domingo. No sábado à noite houve sessões especiais para os pais e jovens, e no domingo pela manhã realizou-se uma sessão especial para os líderes do Sacerdócio.

O Presidente Kimball liderou a delegação de Autoridades Gerais, acompanhado pelo Presidente Tanner. Os Élderes Mark E. Petersen, Delbert L. Stapley e L. Tom Perry representaram o Conselho dos Doze. Os Assistentes do Conselho dos Doze foram representados pelos Élderes ElRay L. Christiansen, Franklin D. Richards, James E. Faust (somente no Brasil) e J. Thomas Fyans. Os Élderes A. Theodo-

re Tuttle, Hartman Rector Jr. e Rex D. Pinegar lá estiveram representando o Primeiro Conselho dos Setentas.

Estes são, portanto, os fatos básicos das conferências de área. Mas, e o colorido, o espírito, a emoção? Que impacto tiveram as conferências sobre aqueles que participaram?

Os membros que foram entrevistados a esse respeito, citaram, igualmente três coisas que mais os impressionaram: "Ver e ouvir o Profeta falar foi a melhor parte", disseram alguns; outros alegaram: "Foram as novidades a respeito do templo." Outros ainda adicionaram sua apreciação pelos coros maravilhosos responsáveis pela música.

Aqueles que haviam esperado ansiosamente pela conferência durante meses, tinham em mente o pensamento de que o Profeta do Senhor estaria presente. Assim, trabalharam, sacrificaram-se e ajudaram-se mutuamente para estar presentes. Os membros do coro despenderam muitas horas em ensaios, com freqüência viajando grandes distâncias. Os que participaram nos programas culturais da noite de sexta-feira também viajaram muitos quilômetros e trabalharam durante muitas horas, a fim de aperfeiçoar suas apresentações. Queriam fazer a melhor apresentação possível para o Profeta e as



Kimball



Tanner



Peterson



Stapley



Perry



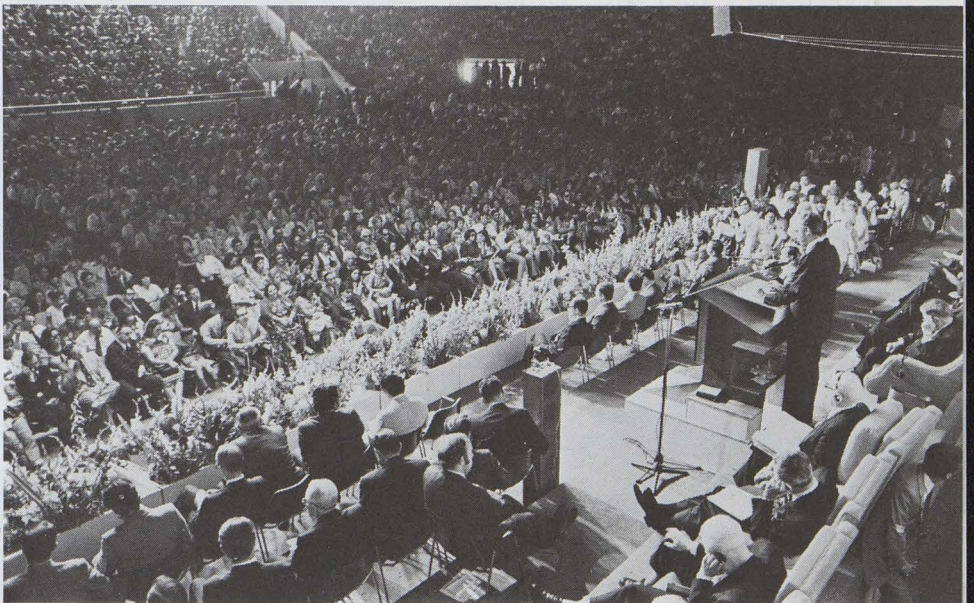
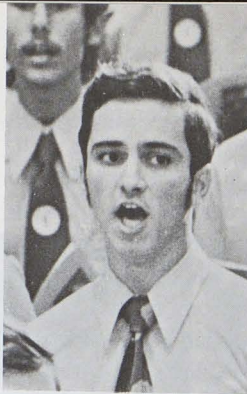
Christiansen

Autoridades Gerais que o acompanharam.

Então, quando o Presidente Kimball e os outros chegaram, os santos que se encontravam na conferência, receberam ainda mais do que muitos deles haviam ousado esperar. Em suas palavras de abertura em São Paulo, antes mesmo de ser anunciada a oração, o Presidente Kimball disse: "Estamos muito felizes em anunciar-lhes e a todo o mundo que, sujeito às condições existentes e sua cooperação total, construiremos para nós o 17.º templo do Senhor na América do Sul. E ele será localizado em São Paulo, Brasil."

Aqueles que vivem distantes de um templo, terão uma idéia do impacto causado por este anúncio. Uma jovem e bela família do Uruguai disse: "Seriam necessários para nós pelo menos dez anos, para economizarmos dinheiro suficiente para ir a um dos templos da América do Norte." Mas agora que um templo deverá ser construído na América do Sul, eles podem gozar das bênçãos do templo em apenas poucos anos. Alguns pareciam ter dificuldade em exprimir seus sentimentos relativos ao templo. "Maravilhoso!" Era tudo que podiam dizer, como se ainda estivessem estupefatos pelas notícias. Seus olhos marejados indicavam que uma res-

Fotos por Victor A. Pagés e Larry Hiller



posta mais compreensível estava em seu coração.

Grandes experiências enaltecedoras e que unificam deram-se do princípio ao fim das conferências. Os programas culturais da sexta-feira à noite, por exemplo, muito fizeram para incentivar um senti-

mento de unidade entre os membros que vieram de regiões e países distantes centenas de quilômetros. Cada grupo pareceu obter mais apreciação pelos notáveis talentos e herança cultural dos outros.

Uma interessante consequência dos ensaios dos coros e apresenta-



Fyans



Richards



Faust



Tuttle



Rector



Pinegar

ções culturais foi que os jovens puderam encetar novas amizades com a juventude de outros ramos. Como resultado, desabrocharam alguns romances e até mesmo alguns namoros.

Os jovens na América do Sul compõem uma grande parte da população da Igreja, e sua contribuição para o espírito das conferências foi notável. Além das apresentações nos programas culturais, for-

SUD das conferências. No Brasil, por exemplo, a conferência foi apresentada no programa de notícias de televisão mais popular do país — um programa que é assistido por uma audiência de milhões. Os técnicos de filmagem e repórteres ficaram assombrados. “Onde vocês têm guardado esses coros?” perguntaram. É claro que a resposta foi que os coros como tal não existiram, até que as pessoas che-

Visto que a conferência em São Paulo tinha que ser transmitida para outras partes do edifício através de circuito fechado de televisão, foi necessário ter uma equipe de técnicos em cena. Logo no início da conferência, eles continuavam a falar durante as orações. Mas, durante a última sessão, quando estava sendo feita a oração de encerramento, alguém entrou na sala de controle e começou a falar. O téc-



neceram alguns belos coros. Em São Paulo, por exemplo, um coro do seminário e instituto de mais de 1.200 vozes proveu a música para a sessão de domingo pela manhã. Vestidos com camisas e vestidos em tom pastel, eles ocuparam toda a parte do centro do salão da conferência. E quando a sessão terminou permaneceram em seus lugares e começaram a cantar novamente. Hino após hino, seu entusiasmo foi aumentando à medida que permaneciam olhando para o rosto das Autoridades Gerais que se encontravam na tribuna. Muitos estavam com lágrimas nos olhos, tanto no coro como na tribuna.

Foram esses coros, entre outras coisas, que causaram uma forte impressão em observadores não-

garam a São Paulo.

Outros observadores ficaram impressionados com o comportamento dos membros que assistiram às reuniões. O administrador do Centro de Convenções Anhembi, de São Paulo, comentou que este era o grupo mais limpo e bem organizado que já usou suas dependências. Um motorista de taxi que teve que ficar à espera de um dos representantes da imprensa na parte de fora do centro durante horas, teve ampla oportunidade de observar os grupos da conferência. No último dia da conferência não pôde conter mais sua curiosidade. “De onde vêm estas pessoas?” desejou saber. “Não vi nenhum empurrão nem briga alguma, somente expressões de amor.”

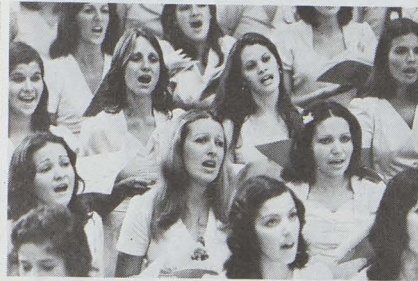
nico chefe, que não era um santo dos últimos dias, virou-se e disse: “Shhh! Eles estão orando.”

Os santos em Buenos Aires causaram uma impressão semelhante nos observadores não-membros. O administrador do local onde a conferência foi realizada fez comentários a respeito da limpeza e organização do grupo. E um dos policiais que estavam de serviço fora do edifício fez observações semelhantes.

Os observadores das conferências poderiam ter ficado ainda mais assombrados, se soubessem dos sacrifícios pessoais que alguns tiveram que fazer para assistir a ela. Certo presidente de missão estimou em cerca de três meses de salário o custo necessário para que alguns de seus membros fossem à confe-



expectativas foram satisfeitas quando se sentaram aos pés do Profeta e de outras Autoridades Gerais, ouvindo conselhos inspirados.



rência. Muitos obtiveram serviços extra ou participaram em projetos de levantamento de fundos a fim de financiar sua viagem para a conferência. Mesmo a viagem para o local da conferência não foi fácil para alguns. Foram comuns as viagens de ônibus de mais de trinta horas. Certo irmão do Chile viajou 65 horas para chegar a Buenos Aires.

É bastante interessante que as pessoas que foram inquiridas a respeito de sacrifício tenham dado de ombros. "Não", diriam eles, "realmente não foi fácil a vinda de alguns. Mas eu não chamaria de sacrifício." Isto talvez seja a chave do espírito das conferências. Não foi um sacrifício, pois, afinal, iam ouvir os servos do Senhor. E suas

Escutaram o Presidente Kimball que os lembrou do desafio dado por Josué aos Filhos de Israel: "Escolhei hoje a quem sirvais." Falou-lhes novamente sobre o templo anunciado e encorajou-os a se sacrificarem por ele. "Esperamos que vocês recebam este templo como um novo sacrifício, pois lembramos de que "o sacrifício produz as bênçãos dos céus". De todas as bênçãos que lhes advêm, nenhuma é maior do que as bênçãos que lhes vêm por terem pais e mães selados um ao outro para o tempo e a eternidade e por terem seus filhos a eles selados, de modo que, depois da morte, as famílias continuem e se tornem como Deus, crescendo em retidão e perfeição juntos."

O Élder Mark E. Petersen falou

sobre o mandamento: "Tomai sobre vós o meu jugo." (Mat. 11:29.) "O ato de tomar sobre nós o seu jugo é a coisa mais séria e solene que podemos fazer na vida. Se tomarmos sobre nós o seu jugo, precisamos ser sinceros. Precisamos ser honestos com o Senhor. Embora vivamos no mundo, não podemos permitir que os pecados e práticas do mundo nos sobrepujem."

Os que assistiram à sessão de liderança do Sacerdócio, em Buenos Aires, ouviram o Élder Franklin D. Richards dizer como se desenvolvem as aptidões como um líder do Sacerdócio. Ele mencionou o emprego eficaz do tempo. "Precisamos aprender a simplificar nossos padrões de vida e trabalho. Podemos realizar isto, dando prioridade às coisas mais importantes e não tentando fazer mais do que aquilo que podemos fazer bem."

Na mesma sessão do Sacerdócio, o Élder Delbert L. Stapley falou sobre a natureza do Sacerdócio, dizendo: "Há uma diferença entre a autoridade do Sacerdócio e o seu poder. Um homem pode receber, sobre si, o Sacerdócio, mas, através da inatividade, desobediência e violação dos mandamentos de Deus, não lhe obterá o poder. O Sacerdócio pode permanecer adormecido em uma pessoa, nunca ser usado o poder pelo qual podem ser realizados milagres. Esse indivíduo inativo nega a si mesmo, benefícios pessoais, assim como nega aos outros que poderiam ser elevados e abençoados, caso ele fosse fiel."

Conselhos especiais foram também dados àqueles que assistiram às reuniões para os pais e para os jovens. O Presidente Kimball advertiu-os com relação às forças que estão tentando enfraquecer a unidade familiar. Lembrou aos pais as tentações com que se defronta a juventude moderna. "A solução", disse ele, "está em guardar os man-



damentos e atender aos deveres familiares.” Declarou que o programa do Senhor é “devolver ao pai o seu lugar de direito à cabeça da família, trazer a mãe de volta de sua vida social e do emprego para o lar, e os filhos do divertimento e irresponsabilidade quase totais. O programa do ensino familiar, com sua atividade principal, a reunião familiar, só neutralizará os efeitos malignos, se as pessoas aplicarem o remédio.”

O Presidente Kimball prosseguiu, lembrando-lhes a queda das civilizações antigas: “Se cada pai na Babilônia, ajudado pela mãe, tivesse treinado e ensinado os pequeninos no saber e na admoestação do Senhor, aquela grande cidade teria sido coberta pela areia, e a sua corrupção sepultada na terra, suas colheitas teriam secado, e seus

templos teriam sido derrubados? As orgias e bebedeiras teriam feito com que adormecessem, desavisados do perigo que corriam? Teriam as palmas e os salgueiros definhado, e a terra teria ficado seca e desolada? Teria a palavra Babilônia se tornado pejorativa?

Na conferência em São Paulo, o Élder Rex D. Pinegar falou sobre os pais e a oração: Quão agradecido sou pelas orações fervorosas de meus pais. Nunca poderei saber com que frequência suas orações foram o meio de minha salvação. Sei, entretanto, que os filhos precisam das bênçãos que advêm através das orações de seus pais.

“Os filhos precisam orar por seus pais, uns pelos outros, pelos líderes da Igreja e para que o Senhor abençoe os líderes da terra com desejos retos. As crianças de-

vem aprender orações de gratidão... As crianças devem orar por força e sabedoria, para sobrepujarem desafios pessoais que enfrentam... As crianças precisam ser ensinadas a viver de acordo com suas orações, para que sejam dignas de receber as bênçãos que procuram.”

Em suas reuniões, os jovens ouviram as Autoridades Gerais falar com amor e clareza. Lembraram-lhes que se mantivessem limpos e puros. Foram admoestados a dar ouvidos a seus pais e a seus líderes do Sacerdócio. E foi-lhes falado a respeito de suas responsabilidades missionárias.

O discurso do Presidente Kimball para a juventude de Buenos Aires foi especialmente poderoso com relação à obra missionária. Falou sobre todos os problemas que assediam os homens no mundo, por não saberem a verdade. “Se pudéssemos dizer a todo este mundo que serão mais felizes, menos famintos, serão melhor cuidados, caso se unam à Igreja!

“Aguardo ansiosamente o dia em que teremos 5.000 missionários da América do Sul. Há mais do que 5.000 jovens na América do Sul. Por que não estão no campo missionário? Acho que não compreenderam. Acharam que era algo que podiam simplesmente optar por fazer ou não.

“Mas uma missão é como pagar o dízimo. É claro que não se tem que pagar o dízimo, mas todos os que amam ao Senhor adquirirão o hábito do dízimo.”

O Presidente Kimball contou a história de um jovem universitário que se apaixonou por uma linda moça. Quando lhe propôs casamento, ela respondeu: “Gostaria de que você fosse meu marido, mas, onde foi que você fez sua missão?” Quando ele explicou que havia decidido estudar, em vez de fazer missão, ela respondeu: “Bem, tal-

vez seja melhor esperarmos.” Ele estava em um dos grupos seguintes de missionários que partiu para a Austrália.

O Presidente Kimball então prosseguiu: “Vocês, moças, compreendem quanto poder possuem? Se aqui houvesse um exército lhes dizendo que tinham que ir, isto não seria tão poderoso quanto vocês. Quando um desses rapazes se apaixonou por você, você está com os controles. Poderá dizer o que quiser, mas **poderia** dizer: “Oh, vamos esperar até que você volte de sua missão.”

Que efeito tiveram tais discursos na juventude que assistiu à conferência? “Estou determinada a ser melhor missionária”, declarou uma bonita garota de dezessete anos. “E vou encorajar meus irmãos mais novos a fazerem missão.”

Outro exemplo do efeito sobre a juventude foi citado pelo Presidente Puerta, da Estaca São Paulo-Oeste Brasil. Antes da conferência, ele havia entrevistado um jovem a respeito de fazer missão. Sendo um estudante do terceiro ano de engenharia, o rapaz havia expressado dúvidas quanto a interromper seus estudos, porque seria extremamente difícil voltar à escola depois da missão. Disse que daria sua resposta depois da conferência de área. Quando terminou a última sessão, ele procurou seu presidente de estaca e, com lágrimas nos olhos, disse que desejava ir para a missão.

Era difícil dizer quantos outros foram influenciados de maneira semelhante, mas o entusiasmo dos jovens nas conferências podia ser visto em seus olhos e sorrisos. “Sinto como se meu coração houvesse sido purificado”, disse um. Outro tinha uma nota de reverência na voz, ao dizer: “Apertei a mão do Profeta.”

Para muitas das Autoridades Gerais e Representantes Regionais

que lá estiveram, as conferências foram uma oportunidade para renovar velhas amizades e ver os frutos de sementes plantadas em anos passados. Haviam estado ativos na América do Sul através dos anos, quer como missionários, presidentes de missão e supervisores de missões. Haviam ensinado, aconselhado e chamado para posições de liderança a muitos dos santos que se encontravam presentes. Haviam observado o crescimento das unidades e das pessoas da Igreja. Viam agora milhares de santos dedicados reunirem-se em duas grandes conferências de área. Viram numerosos jovens dedicados, sendo muitos deles membros da segunda ou terceira geração.

Muitos dos membros que ali se encontravam tiveram sua vida afetada pelos Irmãos de maneiras muito pessoais. Dois incidentes da conferência de Buenos Aires, ambos envolvendo o Presidente Kimball, podem ilustrar.

Falando na sessão para os pais, o Presidente Miguel Ávila, Primeiro Conselheiro da Estaca Buenos Aires-Leste, contou como sua esposa havia estado doente há cerca de dez anos. Havia-se submetido a muitos testes e sido operada, mas ainda assim, sua condição não melhorou. O casal permaneceu sem filhos durante sete anos e se defrontava com a possibilidade de mais uma cirurgia e de permanecerem sem filhos.

Então, certa noite, o Irmão Ávila teve um sonho no qual um dos atuais apóstolos lhe disse que não se preocupasse. Vir-lhe-ia um importante chamado, e ele e sua esposa seriam abençoados com uma criança. Oito meses mais tarde, foi organizada a Estaca de Buenos Aires, e o Presidente Kimball — então membro do Conselho dos Doze — ordenou o Irmão Ávila um bispo. Era o Presidente Kimball

que ele havia visto no sonho. No espaço de duas semanas, a saúde de Irmã Ávila melhorou, e o médico anunciou que ela estava grávida. Algum tempo depois, eles foram abençoados com um filho.

Em outra ocasião, uma senhora, na conferência, aproximou-se de Allen Litster, um dos Representantes Regionais, e perguntou se ele poderia conseguir que ela falasse com o Presidente Kimball. Disse-lhe que havia perdido dez filhos antes de receber, do Presidente Kimball, uma bênção. Então, indicando a bonita adolescente que estava a seu lado, disse: “Minha filha gostaria de agradecer ao Presidente Kimball.”

Durante anos, milhares de missionários têm trabalhado na América do Sul, plantando as sementes da fé. Os milhares de santos que assistiram às conferências de área eram parte dos frutos de seus trabalhos. E durante as conferências, mais sementes que darão frutos nos anos vindouros foram plantadas. Apenas um membro cujo coração seja tocado pelo conselho dos Irmãos, poderia trazer grande número de outros para a Igreja. Um jovem, inspirado a servir como missionário, pode afetar centenas de vidas para o bem. E quantos pais e futuros pais receberam conselhos que os capacitarão a criar futuras gerações de líderes?

A história completa das conferências de área ainda não pode ser escrita, porque a sua parte mais importante é a que se realizou no coração daqueles que a ela assistiram. Mas talvez o futuro possa ser lido, em parte nos rostos reluzentes de milhares de jovens maravilhosos que lá estiveram. Se assim for, grandes coisas advirão das conferências que se realizaram em São Paulo, de 28 de fevereiro a 2 de março, e em Buenos Aires, de 7 a 9 de março.

